



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA LUÍSA DE MOURA LIMA

**PEQUENAS ALEGRIAS DA VIDA ADULTA: representação, formação e construção  
de repertórios críticos a partir do álbum AmarElo**

Brasília – DF

2023

MARIA LUÍSA DE MOURA LIMA

**PEQUENAS ALEGRIAS DA VIDA ADULTA: representação, formação e  
construção de repertórios críticos a partir do álbum AmarElo**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti.

Brasília - DF

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mp Moura Lima , Maria Luisa  
PEQUENAS ALEGRIAS DA VIDA ADULTA: representação, formação  
e construção de repertórios críticos a partir do álbum  
AmarElo / Maria Luisa Moura Lima ; orientador Andrea  
Cristina Versuti . -- Brasília, 2023.  
87 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia ) -- Universidade de  
Brasília, 2023.

1. Álbum AmarElo. 2. Educação Musical . 3. EJA/IT. 4.  
Multiletramentos. I. , Andrea Cristina Versuti , orient. II.  
Título.



**PEQUENAS ALEGRIAS DA VIDA ADULTA: representação, formação e  
construção de repertórios críticos a partir do álbum AmarElo**

MARIA LUÍSA DE MOURA LIMA

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Profa. Dra. Andrea Cristina Versuti.

**Data da aprovação:** 13 de dezembro de 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Doutora Andrea Cristina Versuti (Orientadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Professora Doutora Patrícia Pederiva (Examinadora/FE/MTC)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Professora Doutora Caroline Bahniuk (Examinadora/FE/TEF)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

**Professora Doutor Paulo Henrique Pereira Silva de Felipe(Suplente /FE/MTC)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília - DF

2023

*Dedico este trabalho a minha pequena  
estrela e bailarina, Lara Cristina.  
Obrigada por me ensinar que tudo tem um  
propósito, e que o seu foi o mais lindo de  
todos.*

## AGRADECIMENTOS

Belchior diz em sua música, “ presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte, porque apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte. ” Me fazendo refletir o quanto sou sortuda e forte por uma série de pessoas que me cercam, na qual preciso agradecer.

Agradeço primeiramente a minha mãe, Leonora de Moura, por ser minha referência de professora e militante, por ter me ensinado que podemos revolucionar o mundo com amor. Obrigada por fazer com que eu acreditasse em mim mesma quando o mundo dizia não.

A Isabela de Moura e Júlia Lima, por fazerem com que cada momento juntas se transformem em experiências musicais, afinal temos uma conexão que não tem explicação.

Agradeço as mulheres revolucionárias da minha família, que sempre estiveram ao meu lado e são as minhas grandes inspirações.

Ao Rerê Lima por ser além do meu companheiro de vida, meu ombro amigo, meu refúgio e cuidar tão bem de mim. Pois quem tem um Rerê tem tudo.

Agradeço a Andressa, Iago e Kétrin por terem feito com que essa caminhada no curso de pedagogia sejam momentos de pequenas alegrias da vida adulta.

A gestão AmarElo por terem encarado esse desafio revolucionário comigo. Tenho muito orgulho da família e trabalho que construímos.

A Romana Lima, por ter segurado a minha mão por todo esse processo.

Agradeço aos professores que tive a sorte de encontrar nesse caminho, por todas as trocas de afeto e conhecimento. Obrigada por serem inspirações.

Agradeço a minha orientadora Andrea Versuti, pelo nosso reencontro e por todo o incentivo carinhoso nessa jornada final. Obrigada pelos momentos de respiro.

A minha banca Caroline Buhniuk e Patrícia Pederiva por aceitarem esse convite de participarem desse momento único e especial.

*O amor cuida com carinho, respira o outro, cria o elo  
No vínculo de todas as cores, dizem que o amor é amarelo  
(Emicida part. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira e Pastoras do Rosário-  
Principia)*



## RESUMO

Esta pesquisa traz como objeto de estudo o álbum AmarElo do rap Emicida. Este álbum, lançado no ano de 2019, traz em cada letra do disco uma conexão com a ancestralidade, o fato, a arte e a autoestima do povo preto, além de discutir temas sociais levando em consideração as vivências das pessoas. Desta forma a presente pesquisa teve como objetivo geral identificar por meio de uma sequência didática, quais as principais contribuições do álbum AmarElo para a construção de repertórios críticos-reflexivos de estudantes da EJAIT da cozinha solidária do MST, localizada no Sol Nascente-DF. Para tanto, trouxemos como referencial teórico autoras como Pederiva (2013), Rojo (2012) e Grada Kilomba (2020). A pesquisa também foi ancorada na pesquisa bibliográfica e na pesquisa interventiva do tipo aplicação. Como resultados da investigação, destacamos que a educação musical e a pedagogia dos multiletramentos puderam promover ações educativas pautada em práticas libertadoras inventivas e criativas, repercutindo na ampliação de repertórios críticos reflexivos para o público da EJAIT, sujeitos desta pesquisa.

**Palavras-Chave:** AmarElo; Educação Musical; EJAIT; Multiletramentos

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Figura 1- Taxa da Analfabetismo .....                                  | 21 |
| Figura 2- Pessoas que abandonaram ou nunca frequentaram a escola ..... | 22 |
| Figura 3 - Denúncias de intolerância religiosa .....                   | 29 |
| Figura 4 - Card dos filmes .....                                       | 32 |
| Figura 5 - Onde tudo começou .....                                     | 35 |
| Figura 6 - O avental de historias.....                                 | 36 |
| Figura 7 - Minha fiel escudeira, Leticia .....                         | 36 |
| Figura 8 - Bolos de aniversário da Dona Anézia.....                    | 37 |
| Figura 9- A bailarina.....   | 39 |
| Figura 10 - Manifestação no Centro de Ceilândia.....                   | 40 |
| Figura 11 - Minha alma gêmea.....                                      | 41 |
| Figura 12 - Ocupei a Universidade de Brasília.....                     | 43 |
| Figura 13 - Uma mulher revolucionária .....                            | 43 |
| Figura 14 - Dançar é uma pequena alegria da vida adulta.....           | 45 |
| Figura 15 - Meu super herói .....                                      | 47 |
| Figura 16 - Mascara do Silenciamento .....                             | 50 |
| Figura 17 - Capa do disco AmarElo .....                                | 52 |
| Figura 18 - Álbum Stakes is High .....                                 | 53 |
| Figura 19 - Ancestralidade AmarElo.....                                | 55 |
| Figura 20 - Eu vou pro frot como guerreiras – MTST .....               | 57 |
| Figura 21 - O sol só vem depois .....                                  | 60 |
| Figura 22 - Espaço da Cozinha Solidária- Sol Nascente .....            | 61 |
| Figura 23 - Horta construída pela comunidade .....                     | 63 |
| Figura 24 - Dinâmica da palavra geradora .....                         | 67 |
| Figura 25 - Apresentação do vinil do álbum AmarElo.....                | 68 |
| Figura 26 - Apresentação da temática indígena.....                     | 69 |
| Figura 27 - Capa do álbum Racionais .....                              | 70 |
| Figura 28 - Comparação das capas dos álbuns de rap .....               | 71 |

|  |    |
|--|----|
| Figura 29 - Leitura d'leite do livro Amoras .....                      | 72 |
| Figura 30 - Diário musical.....  | 73 |
| Figura 31 - Assistindo o documentário – É tudo pra ontem.....          | 74 |
| Figura 32 - Mural dos sonhos .....                                     | 75 |
| Figura 33 - Sonhos escritos no mural .....                             | 76 |
| Figura 34 - Sonho de aprender a ler .....                              | 77 |
| Figura 35 - Análise da música – Pequenas alegrias da vida adulta ..... | 78 |
| Figura 36 - Construção da lista de rotina .....                        | 79 |
| Figura 37 - Rotina da Flora.....                                       | 80 |
| Figura 38 - Rotina da Lina.....  | 80 |
| Figura 39 - Criação do texto narrativo.....                            | 81 |

## SÚMARIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 13 |
| <b>1 CAPÍTULO : PLANTAR – TRAJETÓRIA DA ESCOLARIZAÇÃO DA EJAIT</b><br>.....   | 20 |
| 1.1 Se até pra sonhar tem entrave: o direito a educação para jovens, adultos e idosos.<br>.....   | 20 |
| 1.2 O sol só vêm depois: Alfabetização, letramento e multiletramentos. ....   | 22 |
| 1.3 Para um mundo em decomposição: contexto político e social no Brasil pré-<br>AmarElo .....   | 27 |
| <b>2 CAPÍTULO: REGAR – ANÁLISE DO ÁLBUM AMARELO</b> .....   | 34 |
| 2.1 – Cartas de amor para todo mundo: Memorial .....  | 34 |
| 2.2 – Permita que eu fale: Uma introdução ao álbum AmarElo .....  | 48 |
| 2.3 – Eu pinto tudo em AmarElo : Análise da capa.....   | 51 |
| 2.4 - O amor é o segredo de tudo: Música Principia.....   | 54 |
| 2.5 – Seja luz nesse dia cinzento: Música Pequenas alegrias da vida adulta.....   | 56 |
| 2.6 – Até pra sonhar tem entrave: Música Ismália.....   | 58 |
| <b>3 CAPÍTULO : COLHER – PROJETO AMARELO</b> .....  | 61 |
| 3.1 – Metrôpoles sufocam, são necrópoles que não se tocam, então chocam com o<br>sonho de alguém: Contextualização do movimento MTST e sua localidade. .... | 62 |
| 3.2 – Cantar com as meninas enquanto germina o amor: construção e aplicação da<br>sequência didática .....  | 64 |
| 3.3 – Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte: Avaliação e<br>principais contribuições .....   | 82 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 84 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 87 |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem seu enfoque em analisar as contribuições da obra *AmarElo*, do rap Emicida, para a construção de repertórios críticos-reflexivo no ensino de jovens, adultos e idosos trabalhadores (EJAIT). E para a o significativo desenvolvimento da proposta, é essencial entender as características desta modalidade de ensino, dos diversos e público que atende, a temática que também está presente na obra audiovisual do disco *AmarElo*.

Quando pensamos no público da educação de jovens e adultos e idosos, imediatamente vem em mente sujeitos marginalizados que não tiveram oportunidade e seus direitos não forma assegurados por políticas públicas e investimentos públicos educacionais satisfatórios. De acordo com Soares *et al* (2005), a EJA é composta por jovens e adultos de camadas populares que interrompem sua trajetória escolar, repetindo a história de negação de direitos. E esta desigualdade persiste ao constatarmos que no Brasil, em 2022, ainda há taxa de analfabetismo 5,6% (o que corresponde a 9,6 milhões de pessoas), segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estes são potenciais sujeitos múltiplos e diversos, que compõem a comunidade escolas da EJAIT. Contudo, não há garantias de que serão alfabetizadas por escolas da modalidade.

Levando em consideração de que esses jovens e adultos e idosos já tenham um histórico de negação de direitos ao acesso educacional, a escola não deve ser uma segunda chance dada e sim um direito assegurado. Por isso, o ensino de jovens, adultos e idosos é assegurado pela Lei de Diretrizes de Base (LDB), a lei N° 9.394/96, que garante a oferta de uma educação regular, com modalidades adequadas, acesso e permanência aos jovens e adultos trabalhadores (Brasil, 1996).

Além de entender o itinerário do público da EJAIT, também é preciso averiguar quais conhecimentos esses sujeitos procuram ao chegar em uma escola. Acredito que essa procura seja por conhecimentos ausentes, principalmente pelo direito à educação que os represente, que resgate suas histórias e suas origens, que os tornem cidadãos cômicos de seus direitos aos diversos conhecimentos. Para Arroyo (2015)

Outras crianças, outros adolescentes, jovens e adultos das periferias, dos campos, trabalhadores, pobres, negros, indígenas e quilombolas que vão chegando às escolas públicas e à EJA não lutam apenas pelos conhecimentos escolares a que têm direito. Disputam o direito a conhecimentos ausentes, sobre seu sobreviver, seu resistir. Saberes de outra história social, racial e de

classe que vivenciam e que têm direito a saber para entender-se. Disputam o direito a que os saberes dessa outra história de segregação e de emancipação sejam incorporados como seu direito ao conhecimento. (Arroyo, 2015, p.17)

Dessa forma o ensino da EJAIT deve levar em consideração as vivências e conhecimentos adquiridos ao longo da vida do educando. E por isso, é importante que as práticas de alfabetização baseiem-se nos conhecimentos de Paulo Freire (2019), quando ele pensava a alfabetização do homem brasileiro a partir da tomada de consciência de acordo com as vivências de cada indivíduo, em um processo que tentasse a progressão da ingenuidade em criticidade enquanto ocorre a alfabetização.

Em diferentes momentos da sociedade tivemos variadas concepções sobre o conceito de alfabetização, mas de acordo com a autora Magda Soares (2021) o processo de alfabetização consiste em se apropriar da tecnologia da escrita, sendo também o conjunto de procedimentos necessário para as práticas da leitura e da escrita. Neste sentido, a alfabetização consiste no processo de aprendizagem de decodificar os elementos que irão compor a escrita, para que o educando possa ler e escrever.

Além da alfabetização a autora Magda Soares (2021) descreve o processo de letramento, que consiste na capacidade do uso da escrita para se inserir nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. Dessa forma o letramento será a habilidade de interpretar e produzir diferentes tipos de gênero textuais (2021, p.27). Sendo necessário destacar que a alfabetização e letramento se referem às ações diferentes que ocorrem de forma paralela. Portanto, entendemos que a prática alfabetizadora não pode acontecer dissociada do letramento.

Embasadas nesses conceitos, acredito que a alfabetização e letramento na EJAIT ocorrem a partir da aquisição da prática de leitura e da escrita dos educandos para se inserirem nas práticas sociais. E por isso, os conhecimentos que esses sujeitos adquirem ao longo de suas trajetórias, nos meios sociais e culturais devem ser considerados.

Outro conceito necessário neste trabalho é o de Multiletramentos, presente na multiplicidade da nossa sociedade contemporânea, urbana, e também digital. De acordo com a autora Rojo (2012), os multiletramentos se constituem a partir de textos compostos de muitas linguagens que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas para fazer significar. Os multiletramentos são interativos e híbridos, presentes nas linguagens, nos modos, nas mídias e nas culturas (Rojo, 2012, p. 1055).

Em relação à prática dos multiletramentos na educação, Rojo (2012) faz uma reflexão em que os estudos sobre os multiletramentos devem abranger atividades de leitura crítica, análise e produção de textos com o foco na multiculturalidade. E para que isso ocorra é necessário um currículo que trabalhe áreas de conhecimento e temas sociais de forma transversal, levando em consideração os sujeitos diversos existentes na EJA/T.

No Distrito Federal a proposta curricular da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), intitulada “Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos”, afirma que os currículos estão pautados na perspectiva teórica histórico- crítica para promover uma formação consciente transformadora dos estudantes. Portanto o objetivo geral do Currículo em Movimento da EJA (2014) é de promover a educação por meio da compreensão da prática educativa que atenda às especificidades e à diversidade dos sujeitos da classe trabalhadora, dialogando com seus saberes culturais e pessoais.

A estrutura curricular da EJA/T está de acordo com oferta da modalidade que é dividida em três segmentos relacionados aos anos iniciais (1º Segmento) e finais do ensino fundamental (2º Segmento) e ensino médio (3º Segmento). Tendo como componentes curriculares obrigatórios: linguagem, matemática, ciências da natureza, ciência humanas, ensino religioso. Essas áreas de conhecimento devem evidenciar a contextualização e interdisciplinaridade que interaja e articule com diferentes campos de saberes específicos (Distrito Federal, 2014).

A organização curricular agrupa os componentes curriculares de acordo com os objetivos de estudos, sem comprometer sua especificidade e autonomia, fortalecendo o caráter interdisciplinar da prática pedagógica (Distrito Federal, 2014). Desse modo, temos a disciplina de artes e suas diferentes linguagens (cênicas, plástica e musical), presente no componente curricular obrigatório de Linguagens. Ao considerar os conceitos de alfabetização, letramento e multiletramentos apresentados no texto, a disciplina de artes inserida na educação musical pode trabalhar de forma transversal todas as temáticas abordadas acima. Sendo assim, segundo Pederiva *et al* (2013) é possível utilizar a arte enquanto ferramenta social das emoções, colocadas simultaneamente como questões psicológicas, educativa e estética.

Sobre o conceito e a importância da arte na sociedade, o autor Schiller (2017), descreve que a arte tem o papel educador e formador na construção do homem e de um mundo reconciliado com os sentimentos, imaginação, a poesia e vida. Por isso, a arte tem

a tarefa de retirar o homem do estado de degradação moderna, ligado à uma busca constante de um mundo ético e politizado, e isso só poderá ser feito pelo artista do belo. E conseqüentemente, a arte verdadeira não estaria ligada a uma beleza perfeita e estética, e sim a uma beleza que vai além de um mundo prático e utilitário. Segundo Schiller (2017), o caráter ambicioso da sociedade teria se transformado em forças incompatíveis com a arte do belo universal, tendo uma arte que educa os homens para uma vida estilizada pela beleza e perfeição. Considerando o conceito de arte de Schiller (2017), podemos pensar em Emicida como um artista do belo, por produzir uma arte regeneradora que pode ter os caminhos de educar e formar homens críticos e libertadores. Segundo as autoras Pederiva e Antunes (2019, p.27), a atividade musical permite uma experiência emocionalmente estética, possibilitando a vivência consciente da nossa particularidade em uma estreita relação de unidade com nossas emoções.

O rap Emicida faz uma introdução no começo da música Principia, no seu show ao vivo do álbum AmarElo, e descreve uma situação em que, após uma viagem à África, ao visitar um museu localizado na Angola chamado Museu da Escravidão. Ele avista uma pia com um texto na parede que diz: “foi nessa pia que os negros foram batizados através de uma ideia distorcida do cristianismo, sendo levados a acreditar que eles não tinham alma”. E naquele momento, o cantor percebeu qual era a sua missão: cada vez que ele pegasse uma caneta e um microfone será para devolver a alma de cada um dos irmãos e irmãs que sentiu que um dia não tiveram uma (Emicida,2021).

Essa fala do Emicida fez-me refletir por diversas vezes qual seria a minha missão na educação, e de quais formas eu poderia plantar sementes revolucionárias nos meus futuros alunos com o intuito de formar sujeitos críticos, reflexivos e libertadores. Então o álbum AmarElo surgiu como uma possibilidade de utilizar a música e a temática presente nas letras como dispositivo para alcançar de algum modo uma prática de educação libertadora.

Dessa forma, o tema da pesquisa se desenvolve a partir da minha ligação com o álbum AmarElo e um diálogo com trabalhos acadêmicos que de alguma forma envolvem as obras do rap Emicida. Ele destaca que, para cada verso e para cada rima, mesmo com as dificuldades enfrentadas nesse país desigual, possamos levantar a cabeça e seguir em frente.

A música faz parte da vida do ser humano. Todos somos seres musicais, para o autor Gonçalves: “a musicalidade é toda a possibilidade que os seres humanos possuem para expressar, explorar e organizar sons produzidos através do próprio corpo ou pela



manipulação sonora de objetos” (Golçalves, 2019, p.136). Sendo assim, a música faz parte de nossas vidas, temos nossas próprias trajetórias e experiências musicais. Somos cercados de música durante todo o nosso dia e não utilizar e explorar a música como metodologia educacional dentro da perspectiva histórico-cultural seria um desperdício. Um olhar para a música como prática educativa, deve ser pensada como uma prática libertadora, de expressão, de imaginação, de criação, e interpretação da atividade humana (Pederiva, 2013, p.20).

O álbum *AmarElo* do rap Emicida, lançado no ano de 2019, propõe um olhar sobre a grandeza da humanidade. Traz em cada música do disco possibilidades de uma prática educacional, pois discute temas sociais levando em consideração as vivências das pessoas. Por conseguinte, esta pesquisa trouxe a seguinte questão norteadora: De que forma o álbum *AmarElo* pode contribuir para a construção do repertório crítico-reflexivo? Tendo como objetivo geral: Identificar por meio de uma sequência didática, quais as principais contribuições do álbum amarelo para a construção de repertórios crítico-reflexivos num espaço não escolar e como objetivos específicos:

- Analisar as temáticas presentes no álbum, documentário e livros infantis do rap Emicida, a partir do conceito de multiletramentos.
- Desenvolver uma sequência didática para o público da EJAIT, a partir das músicas: Principia, Pequenas alegrias da vida adulta e Ismália do álbum *AmarElo*.
- Demonstrar como a educação musical promovida por meio do álbum *AmarElo* pode contribuir para a construção de repertório críticos- reflexivos em um espaço não escolar na cozinha solidária no Sol Nascente.

## **METODOLOGIA:**

A pesquisa realizada foi interventiva, do tipo aplicação. A metodologia utilizada para alcançar os objetivos do estudo, em primeiro momento, fundamentou-se na análise bibliográfica e documental: do projeto multimídia do rap Emicida em seu álbum *AmarElo* que foi lançado no dia 30 de outubro de 2019, com 11 faixas, o documentário *AmarElo – É tudo para ontem*, além das suas obras de literatura infantil com os livros “*Amoras*” e “*Foi assim que a escuridão e eu ficamos amigas*”.

A imersão dessas obras foi de extrema importância para poder entender o propósito da criação do projeto *AmarElo*. Somente assim, foi possível fazer uma

articulação com os autores que discutem o papel educativo da música e também os aspectos críticos e reflexivos que visam a transformação social.

Foi desenvolvido também, como segunda etapa desta pesquisa, uma proposta pedagógica interventiva na Cozinha Solidária no espaço do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) movimento este que luta por moradia e reivindica a reforma urbana, com o intuito de diminuir desigualdade social no país e particularmente no Distrito Federal. A Cozinha Solidária do Sol Nascente tem um importante papel no Movimento de distribuição de marmitas para a comunidade local. As marmitas são produzidas por três militantes, mulheres periféricas que pararam seus estudos por motivos distintos e pretendem retomar os estudos após sentirem necessidades individuais e coletivas.

Para Teixeira e Megid Neto (2017), essas investigações interventivas são estruturadas a partir de projetos cujas prioridades são estabelecidas inteiramente pelos pesquisadores. A sua composição envolve o “planejamento, a aplicação (execução) e a análise de dados sobre o processo desenvolvido, em geral, tentando delimitar limites e possibilidades daquilo que é testado ou desenvolvido na intervenção” (Teixeira, Megid Neto, 2017, p.1068-1069). Segundo os autores, os processos são apoiados em referenciais do campo específico de estudo, bem como em teorias. Diante disso, esta escolha metodológica ocorreu por considerá-la como sendo a proposta mais adequada aos objetivos definidos, por meio da qual o trabalho participativo e dinâmico entre os envolvidos – alunas e pesquisadora – resulta no alcance da questão norteadora.

Considerando os objetivos e a análise por meio da abordagem qualitativa, o trabalho está dividido em três capítulos intitulados: Plantar, regar e colher, seguindo a ordem que Emicida dividiu os atos do documentário AmarElo- É tudo para ontem.

O capítulo 1- Plantar: discorre sobre a trajetória da escolarização da EJAIT, apresentando as Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que asseguram as características específicas desta modalidade, além de apresentar os conceitos de alfabetização, letramento e multiletramentos como práticas de leitura e escrita na inserção do convívio social.

No capítulo 2 – Regar: reflete sobre a ligação das músicas do álbum AmarElo com as minhas vivências pessoais no formato de memorial. Analiso também as temáticas presentes no álbum AmarElo, documentário do rap Emicida e de modo mais específico,

as músicas escolhidas para serem trabalhadas na sequência didática: Principia, Pequenas Alegrias da Vida Adulta e Ismália.

O capítulo 3- Plantar: detalha a construção da sequência didática, apresenta o lócus da pesquisa: a Cozinha Solidária – MTST no Sol Nascente, onde foram realizadas as atividades, além de relatar o processo de desenvolvimento do projeto AmarElo e avaliações das atividades práticas. E por fim, ofertamos as considerações finais do trabalho.

## **1 CAPÍTULO: PLANTAR – TRAJETÓRIA DA ESCOLARIZAÇÃO DA EJAIT**

A educação de jovens, adultos e idosos trabalhadores (EJAIT) tem seu início no período colonial, com a ação missionária dos jesuítas em catequisar e alfabetizar os indígenas adultos e escravizados negros. De acordo com Haddad e Di Perro (2000), após a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1952 o sistema de ensino entra em falência, voltando somente no período do império.

A EJAIT começa a se destacar e ser assegurada após a criação do Plano Nacional da Educação instituído na Constituição de 1934, que estabeleceu como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito, de frequência obrigatória e extensivas aos adultos (Brasil,1934). Somente no ano de 1996 houve mudanças na lei, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a lei nº 9.394/96, que garante a oferta de uma educação regular, com modalidades adequadas, acesso e permanência aos jovens e adultos trabalhadores (Brasil,1996).

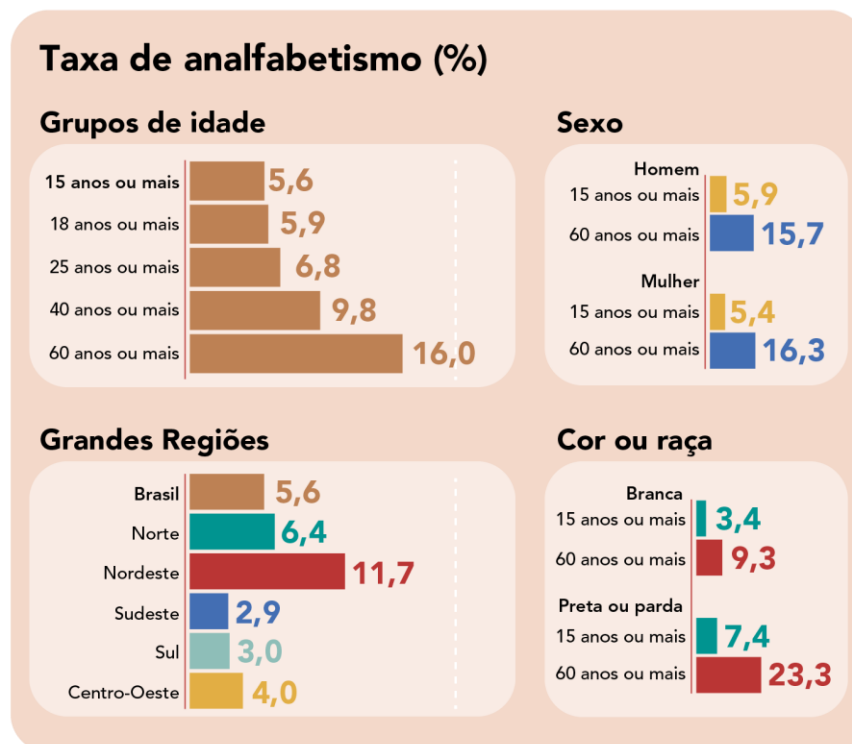
Podemos perceber que a trajetória da escolarização da EJAIT no Brasil é marcada por diversas lutas para assegurar os direitos a uma educação pública de qualidade. Entretanto, é necessário saber como essas leis estão sendo asseguradas no chão das escolas e como os sujeitos da EJAIT são atravessados por elas. Para tanto, é imprescindível entender a modalidade da educação de jovens, adultos e idosos como uma política pública para a erradicação do analfabetismo no Brasil.

### **1.1 Se até pra sonhar tem entrave: o direito a educação para jovens, adultos e idosos.**

De acordo com a LDB, Art.37, esta modalidade de educação será destinada a jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso ou continuidade aos estudos na idade própria (Brasil,1996). Dessa forma a EJAIT é composta por jovens, adultos e idosos de camadas populares que interromperam sua trajetória escolar, repetindo a história de negação de direitos (Soares et al, 2005).

No ano de 2022 a taxa de analfabetismo segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 5,6% (9,6 milhões de pessoas), já as taxas de abandono escolar eram de 18% (52 milhões de pessoas) que não completaram o ensino médio, abandonaram a escola ou nunca chegaram a frequentar.

Figura 1- Taxa do Analfabetismo



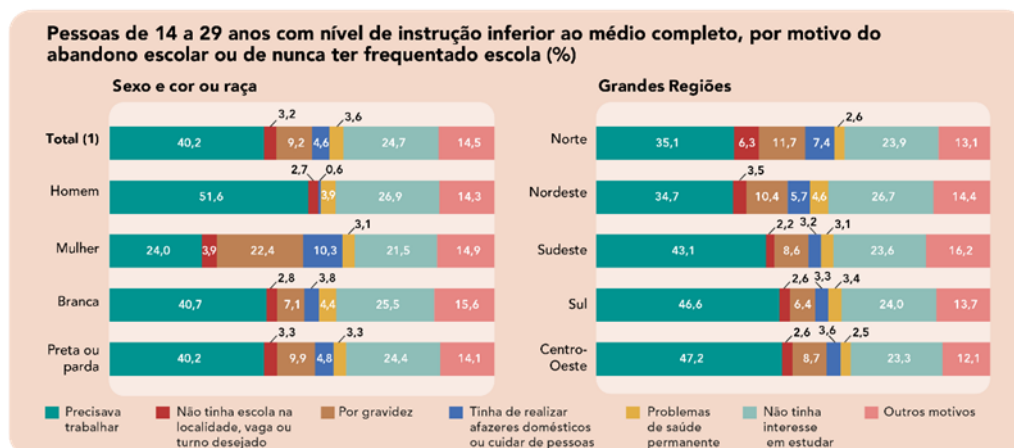
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022.

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, ordenação de Pesquisa por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022

A pesquisa mostra que o grupo populacional mais velho equivale à maior proporção de número de analfabetos. E se fizermos um recorte nesses dados considerando os marcadores sociais de gênero e raça, existe uma grande taxa de analfabetos homens, com 5,9% e 23,3% de pretos ou pardos com 60 anos ou mais.

Durante o século XX, os sujeitos que ocupavam a EJAIT vinham em sua maioria, do meio rural e eram inseridos no meio urbano, pela imigração à procura de trabalho e condições de vida melhor. Os processos de produção de desigualdade aconteciam a partir da exploração do trabalho relacionados a uma sociedade extraescolar (Zorzal, Miranda, Rodrigues, 2014, p. 36).

Figura 2- Pessoas que abandonaram ou nunca frequentaram a escola



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, ordenação de Pesquisa por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022

Ainda de acordo com a pesquisa do IBGE, em relação ao abandono escolar podemos perceber que a causa apontada é a necessidade de trabalhar com fator principal para os homens e mulheres. Entretanto, o que me chama atenção é a taxa de 24,7% do abandono escolar por não ter interesse em estudar. Tais dados deixaram-me a reflexão de como tornar o ensino mais atrativo para esses sujeitos que trabalham o dia todo e frequentam a escola no período noturno.

Em linhas gerais, é sabido que na modalidade EJA/IT o público é composto por sujeitos múltiplos e diversos, levando em consideração variáveis como: faixa etária, gênero, raça e etnia. E principalmente, são sujeitos pertencentes a classe trabalhadora, pois, “a questão do trabalho, ou mais restritamente, do emprego, retira esses jovens e adultos do processo de escolarização e os empurram de volta para essa condição novamente” (Alves, et al, 2014, p.188).

## 1.2 O sol só vêm depois: Alfabetização, letramento e multiletramentos.

Além de entender o itinerário dos sujeitos múltiplos da EJA/IT, é necessária a consciência de que esses educandos ingressam nas escolas com uma bagagem de conhecimentos que foram adquiridos ao longo da sua vida, no trabalho, na convivência familiar e do meio sociocultural. Dessa forma, Paulo Freire (2019), pensava a alfabetização do homem brasileiro a partir da tomada de consciência de acordo com as vivências de cada indivíduo.

Pensando na alfabetização da modalidade EJA/IT é imprescindível a apresentação de alguns conceitos sobre alfabetização e letramento, pois em diferentes momentos da sociedade a concepção de alfabetização se alterna, mudando também a forma de classificar se uma pessoa era alfabetizada ou não. De acordo com Soares (2021), a concepção de considerar uma pessoa alfabetizada era de serem capaz de decodificar e codificar palavras.

Neste contexto, era um conceito de ensino para o qual a alfabetização consistia em aprender a ler e escrever, memorizando as correspondências entre grafema e som. A prática tradicional de alfabetização não possibilitava uma aquisição de uma cultura letrada a partir das experiências humanas. Contudo, de acordo com Freire:

A alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação (Freire, 2018, p. 145).

Além de aprender o sistema alfabético de escrita, é preciso conhecer e aprender seu uso social como ler, interpretar e produzir. Sendo necessário um sistema que precisa ser compreendido. Retomando os conceitos de alfabetização e letramento, para Magda Soares (2021), alfabetização e letramento são processos linguísticos distintos, simultâneos e interdependentes. Sendo alfabetização a aquisição da prática de leitura e escrita, é o letramento a capacidade do uso da escrita para se inserir nas práticas sociais.

Por isso, defendo que a prática pedagógica da EJA/IT consista na apropriação do educando de particularidades da alfabetização e letramento em um contexto que envolve a leitura e a produção de gêneros textuais. Além disso, a necessidade de que o conteúdo aplicado seja compreendido e faça sentido, estando de acordo com as vivências de cada indivíduo, suas trajetórias vividas e valores. Segundo Weffort (2019, p.11) “todo aprendizado deve encontrar-se internamente associado a tomada de consciência da situação real vivida pelo educando”.

E uma sociedade contemporânea, as formas de se comunicar se modificaram ao longo do tempo, o que antes poderia ser feito através de cartas e rádio ganharam novas formas como, mídias, audiovisual, imagens animadas entre outros meios digitais que nos cercam cotidianamente. Os novos meios de comunicação e informação além de afetarem o convívio social, acabaram modificando também a forma de ensinar, sendo necessário pensar em um letramento que ocorra de forma múltipla considerando os diferentes modos de produção, como imagética, sonora e gestual. De acordo com a autora Roxane Rojo

(2013), os textos contemporâneos exigem que tenhamos multiletramentos, ou seja textos compostos por muitas linguagens e que exigem capacidade e práticas de compreensão e produção. Para Rojo:

o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específico e importantes de multiplicidade presente em nossa sociedade, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (Rojo, 2012. p. 1054).

Dessa forma, os multiletramentos vão englobar a diversidade cultural da produção, circulação de textos e a diversidade de cultura que os constituem. Considerando que o processo de produção textual não é algo exclusivo da linguística, ele vai integrar imagem, som e movimento como uma produção coletiva (Rojo, 2012).

As crianças, jovens e idosos estão cada vez mais cercados e influenciados pelos novos dispositivos tecnológicos, que podem ser vistos por muitos meios educacionais como uma barreira no ensino e aprendizagem desses sujeitos. Mas, ao invés de pensar o uso de dispositivos tecnológicos como um problema, podemos pensar em como utilizá-lo para a comunicação, pesquisa e expressão.

No dia 11 de janeiro de 2023, foi publicada a Lei nº 14.533, que estabelece a Política Nacional de Educação Digital com o propósito disposto no Art. 3º: “garantir a inserção da educação digital nos ambientes escolares com todos os níveis e modalidades, a partir do estímulo ao letramento digital [...]” (Brasília, 2023). Essa iniciativa brasileira surge a partir da necessidade de as escolas investirem nos novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, devido à inserção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no contexto educacional, e acompanhar as transformações digitais presente na vida de jovens e adultos brasileiros, garantindo a educação digital no processo de socialização.

No entanto, a referida lei não especifica que a educação digital possa ser construída com a utilização de linguagens como cinema, audiovisual e imagens que são importantes para o processo de ensino aprendizagem. Porém, para autoras como Fantin e Martins (2023), o universo da cultura digital é constituído a partir de diferentes linguagens como o visual e audiovisual sendo importante trabalhar a interdisciplinaridade entre educação, comunicação e arte promovendo reflexões sobre ver e ouvir o mundo.



Para que ocorra uma educação que leve em consideração a vivência, a conscientização e o letramento digital é preciso um currículo em movimento que trabalhe áreas de conhecimento e temas sociais de forma transversal, levando em consideração os sujeitos diversos existentes na EJAIT. A recomendação das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer nº 7/2010 CNE/CEB e Resolução nº 4/2010 CNE/CEB) e que a organização pedagógica e curricular esteja relacionada nesses princípios e realize um trabalho de maneira integrada. No Distrito Federal a proposta curricular da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), intitulada “Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação de Jovens e Adultos”, afirma que os currículos estão pautados na perspectiva teórica histórico- crítica para promover uma formação consciente transformadora dos estudantes. Segundo o Currículo em Movimento da EJA do Distrito Federal (2014)

A EJA requer um currículo que dialogue com as singularidades da pessoa jovem, adulta ou idosa e que incorpore as especificidades e diversidades presentes no universo desses sujeitos, considerando suas origens, culturas, saberes, conhecimentos e projetos de vida. Ao construir um Currículo em Movimento, temos simultaneamente o desafio de recriar um novo jeito de fazer EJA na rede pública de ensino do Distrito Federal (Currículo em Movimento, 2014, p.10).

O currículo em movimento da EJAIT tem como objetivo promover a escolarização de pessoas jovens, adultas e idosas por meio de uma prática educativa que atende as especificidades e as diversidades dos sujeitos da classe trabalhadora. E, ainda dialogue, com os seus saberes e com seus projetos de vida interagindo seu meio social, cultural e com o mundo do trabalho. É importante destacar que os eixos integradores propostos pela modalidade são: cultural, trabalho e tecnologia, estes se relacionam entre si e dialogam com os sujeitos da EJAIT.

O eixo de tecnologia deve dialogar com outros conteúdos no processo do projeto interdisciplinar para a construção de um conhecimento que reconheça os saberes culturais acumulados e trabalhe os eixos integradores de forma transversal dando sentido ao processo de ensino e aprendizagem. De acordo com o Currículo em Movimento (2014) a tecnologia é trabalhada da seguinte forma:

A inclusão das tecnologias no currículo da EJA passa pela relação com o cotidiano dos estudantes, as possibilidades de interação e socialização. Faz ser necessário compreender os avanços sociais, históricos e científicos como percursos tecnológicos vividos pela humanidade e alcançar as alternativas de inserção do jovem e do adulto nas tecnologias de forma a ampliar sua participação na sociedade, não apenas como inclusão digital, mas no diálogo com o mundo, problematizando-o de forma crítica, construtiva e criativa. Para tanto, é imprescindível a garantia de acesso às TIC, inclusive à internet em banda larga, ao uso e desenvolvimento de software livre (Brasília, 2014).

Vale ressaltar que a integração dos multiletramentos no currículo em movimento, requer uma associação entre conteúdos pedagógicos, a tecnologia e a bagagem de vida dos estudantes. Por isso, cabe aos educadores o desafio de repensar os recursos digitais utilizando a tecnologia e os multiletramentos, visando a promoção de uma educação libertadora e crítica. O conceito de multiletramentos, abordado anteriormente, articula-se ao fato de existir uma pluralidade cultural e diversidade de linguagem presente no ensino.

A autora Rojo faz uma proposta interessante em seu trabalho, a de pensarmos num projeto pedagógico que envolva a adoção de práticas situadas, instruções abertas, enquadramento crítico e práticas transformadoras (Rojo, 2012, p. 1054). Segundo ela, a prática situada é a imersão na cultura dos alunos de modo integrado com outros espaços públicos e do trabalho, nos quais se exerceria uma instrução aberta, partindo das práticas vivenciadas dos alunos e dos processos de produção e recepção. Isso se dá a partir de um enquadramento dos letramentos críticos que buscam interpretar os contextos sociais, culturais, de circulação e produção. A proposta final do projeto surge com o resultado de uma prática transformadora de um produto cultural (Rojo, 2013, p.11).

Ao aceitar a provocação feita pela autora, idealizei e desenvolvi o projeto didático AmarElo, como uma proposta sustentada em critérios de análise crítica que condiz com os princípios de pluralidade cultural e diversidade de linguagem. Este projeto identificou, por meio de uma sequência didática, quais as principais contribuições do álbum amarelo para a construção de repertórios crítico-reflexivos de estudantes de EJAIT. A ideia principal foi, portanto, imergir na cultura do rap nacional, promovendo uma prática que transforma os alunos em criadores de sentido.

A escolha de utilizar o álbum musical AmarElo vem de um processo de curadoria, no qual o educador tem que ter um olhar sensível para ampliar seu repertório e apresentar para os alunos as múltiplas linguagens no processo comunicativo contemporâneo. Para Vergara (2011) “curadoria é um processo de aproximar repertórios com temporalidades distintas para propor um diálogo”. Ao escolher trabalhar o álbum AmarElo e a música como prática educativa, desenvolvi um projeto pedagógico voltado para o público da EJAIT, com a proposta de um momento para respirar, sonhar e ser capaz de enfrentar o mundo.

O projeto foi vivenciado na Cozinha Solidária, desenvolvido no espaço do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST com um importante papel no

movimento na distribuição de marmitas para a comunidade do Sol Nascente, região administrativa do Distrito Federal.

Por fim, reitera-se que este trabalho apresenta possibilidades educacionais que, juntamente com o currículo em movimento, distancia-se de uma educação mecanicista e instrumental, e contribui com a formação de sujeitos críticos e políticos diante da sua realidade, utilizando a música como dispositivo para a aquisição de repertórios.

### **1.3 Para um mundo em decomposição: contexto político e social no Brasil pré-AmarElo**

O álbum AmarElo é considerado pelo rap Emicida um experimento social, sendo necessário uma contextualização social e política do Brasil, para conseguirmos entender a narrativa política presente no álbum, pois, os sujeitos representados nas músicas são sujeitos pretos atravessados diretamente e cotidianamente por política.

As letras presentes no álbum deixam muito claro o problema do racismo estrutural presente na sociedade brasileira, na qual o pacto narcísico entre os brancos alimenta a projeção sobre os negros, e o branco é considerado como o modelo universal da humanidade. O processo de branqueamento no Brasil é considerado como o descontentamento da condição do negro que procura se identificar como branco, se miscigenando para diluir suas características raciais (Bento, 2002 p. 1).

Segundo a autora Kilomba (2020) no imaginário da branquitude ocorre uma alienação na qual os heróis são os brancos e os inimigos são os negros. A libertação ocorre quando os sujeitos negros olham para si mesmos e se conhecem como os seus próprios heróis. Pode-se dizer, portanto, que o álbum desenvolve o protagonismo das pessoas negras apagado ao longo da história, mostrando que o samba e o rap criado por mulheres e homens pretos é o Brasil que deu certo (Emicida, 2020).

Para podermos debater o termo racismo, é preciso falar também sobre raça e classe, pois o conceito de racismo é algo complexo, por se tratar de algo múltiplo e diversificado. Os brasileiros têm uma ideia distorcida de que por sermos um país miscigenado não existe a prática de racismo no dia a dia dessa população. O conceito de racismo é apresentado pelo autor Almeida (2018) quando ele diz que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e se manifesta por meio de práticas que resultam em privilegiar ou não grupos dependendo da raça que pertencem. (Almeida, 2018, p.25).

Nesse contexto de racismo, a negação é utilizada para manter e legitimar estruturas violentas da exclusão. E os anos que antecedem a produção do álbum envolvem acontecimentos de extrema violência e racismo com os grupos minoritários presentes na população brasileira.

Um acontecimento marcante no ano de 2018, foi o assassinato brutal à tiros da vereadora do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Marielle Franco e seu motorista Anderson Pedro Gomes. Ela era conhecida por defender os direitos da população negra, de pessoas LGBTQIAP+, das mulheres e dos favelados. Uma mulher negra lésbica que fez implacáveis campanhas contra a crescente violência policial nas favelas da cidade e bairros mais pobres do Rio de Janeiro<sup>1</sup>.

Já faz 5 anos da morte de Marielle e muitas perguntas continuam sem respostas, mas os principais questionamentos que ficam são: quem mandou matar Marielle e Anderson e quantas pessoas mais têm que morrer, para essa guerra entre a polícia e a população negra da periferia acabe?

Outro acontecimento importante no Brasil foram as eleições de 2018 marcadas pelo conservadorismo, discursos de ódio e disseminação da desinformação. Segundo Araújo (2021), a onda conservadora vinha se fortalecendo em toda a América Latina desde do início de 2010 e no Brasil o conservadorismo se escancarou nas campanhas eleitorais pautadas no ódio às minorias políticas.

O candidato Jair Messias Bolsonaro pautava seu discurso no medo, com promessas de liberar o porte de arma e colocar o “Brasil acima de todos e Deus acima de tudo”. A desinformação foi impulsionada nas redes sociais, bem como tivemos a criação de teorias conspiratórias que favoreciam a campanha eleitoral do candidato. As temáticas principais estavam pautadas na segurança do voto eletrônico, a agenda LGBT e o direito ao aborto. No final da eleição de 2018 tivemos uma derrota para a democracia e o candidato Jair Messias Bolsonaro foi eleito para presidente do Brasil com 55,54% dos votos no segundo turno<sup>2</sup>.

Os discursos de ódio e preconceitos fundamentados na ideologia cristã do presidente Bolsonaro resultaram em uma crescente violência de intolerância e racismo religiosos, mesmo a Constituição Federal assegurando que o Brasil é um estado laico.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.caurj.gov.br/marielle-franco-defensora-dos-direitos-humanos-e-do-direito-a-cidade/>

Acesso em 19 set. 2023

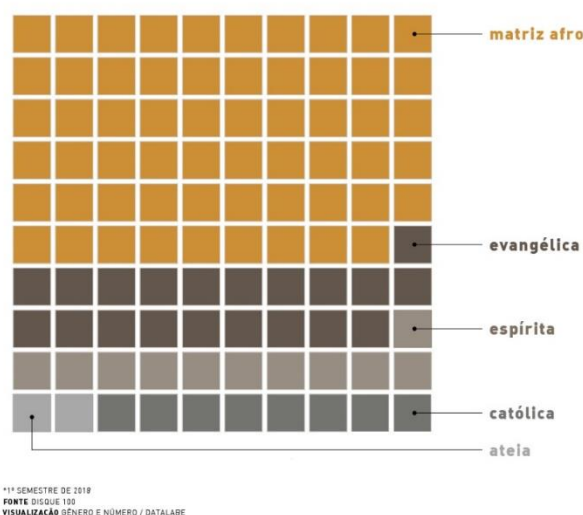
<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.politize.com.br/retrospectiva-2018-relembre-o-ultimo-ano/>

Acesso em 19 set.2023

Garantia descrita no Art.5º, VI “ é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (Brasil, 1988).Entretanto, mesmo com esta garantia legal, de acordo com os dados do Disque 100 acessados pelo Gênero e Número<sup>3</sup>, 59% do total dos números de casos registrados de intolerância religiosa eram de religiões de matrizes africanas.

Figura 3 - Denúncias de intolerância religiosa

**Entre quase 1.000 denúncias recebidas pelo governo federal entre 2011 e 2018\*, 59% são referentes a religiões de matriz africana**



Fonte: Disque 100

De acordo com o autor Marinho (2022), a intolerância religiosa no Brasil ocorre no desdobramento de uma sociedade brasileira violenta, autoritária, vertical e racista. A violência religiosa tem base assentada no racismo epistemológico por encontrar justificção na cristandade europeia, inferiorizando as heranças culturais dos povos colonizados, marcados pela inferioridade espiritual, moral e intelectual.

Os povos indígenas desde da época da invasão colonial, sofrem violência e discriminação sendo uma realidade constante. No ano de 2018, os atos de violência contra os povos originários, a posse de suas terras e a atividade de garimpo ilegal aumentaram. De acordo com o relatório “Violência contra os povos indígenas do Brasil – dados 2018”

<sup>3</sup> Disponível em: [Gênero e Número | Terreiros na mira \(generonumero.media\)](http://generonumero.media)  
Acesso em 19 set. 23

do Cimi (Conselho Indigenista Missionário)<sup>4</sup>, foram registrados 160 casos de ataques à terra indígena e 135 casos de assassinatos de indígenas.

Neste sentido, ressalta-se um acontecimento marcante para os povos originários: a votação da tese do Marco Temporal<sup>5</sup>, tese defendida pela bancada ruralista que estabelece uma linha de corte de tempo para as demarcações. Com o marco temporal os indígenas só poderiam reivindicar terras comprovando sua ocupação antes de 5 de outubro de 1988. Esta proposta nega a presença indígena, sua sobrevivência e contribuição no Brasil.

No dia 21 de setembro de 2023 o julgamento da tese do Marco temporal foi derrubado por 9 votos a 2,<sup>6</sup> o plenário decidiu que a data da estabelecida pela Constituição Federal não pode ser utilizada para definir a ocupação das terras ocupadas pelos povos originários.

Também no ano de 2018, vimos muitas políticas voltadas para a educação que não promoviam uma educação pública de qualidade. Um dos temas mais debatidos foi o programa Escola Sem Partido, um projeto de lei que movimentou a Câmara dos Deputados e que propunha regras a serem seguidas pelos professores proibindo a discussões relacionadas ao gênero, à sexualidade e à política. O projeto foi arquivado pela Comissão Especial da Câmara dos Deputados. Outro projeto que movimentou a educação brasileira foi a Reforma do Ensino Médio, que previa para os estudantes uma formação comum e específica, assim como o acréscimo do ensino técnico profissionalizante nas escolas.

Outro exemplo de desmonte no mandato de Jair Bolsonaro foi o corte de 90% da verba destinada ao enfrentamento da violência contra a mulher<sup>7</sup>. O dinheiro seria utilizado nas unidades da Casa da Mulher Brasileira e nos centros de atendimento às mulheres que prestam serviço de saúde e assistência às vítimas da violência doméstica, além de financiar programas e campanhas de combate a esse crime.

---

<sup>4</sup> Disponível em : <https://cimi.org.br/2019/09/a-maior-violencia-contra-os-povos-indigenas-e-a-apropriacao-e-destruicao-de-seus-territorios-aponta-relatorio-do-cimi/>

Acesso: 18 set. 2023

<sup>5</sup> Disponível em : <https://apiboficial.org/marco-temporal>

Acesso: 03 out.2023

<sup>6</sup> Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=514552&ori=1>

Acesso: 06 nov.2023

<sup>7</sup> Disponível em : <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/bolsonaro-cortou-90-verba-combate-violencia-contra-mulher/>

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/feminicidios-batem-recorde-enquanto-bolsonaro-corta-verba-de-combate-a-violencia-contra-a-mulher/>

Acesso: 04 out.2023

Em consequência desses cortes houve um recorde no número de feminicídios, de acordo com os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 699 mulheres foram assassinadas por causa de sua condição de gênero, ou seja, em média quatro mulheres são vítimas diariamente no país.

Ocorreram também no governo de Jair Bolsonaro as atividades de censura em relação a filmes brasileiros que traziam temáticas contrárias ao seu posicionamento conservador. Como também, a Agência Nacional de Cinema (Ancine) foi alvo de retaliações e teve sua direção modificada, pois Bolsonaro declarava que iria filtrar e regular a Acine.

O filme Marighella, dirigido pelo ator Wagner Moura teve a sua estreia adiada por dois anos. O longa-metragem deveria ter entrado em cartaz no dia 20 de novembro de 2019, marcando os 50 anos da sua morte, porém teve diversas dificuldades mesmo sendo celebrado por inúmeros festivais de cinemas no mundo. Marighella teve a sua estreia nos cinemas brasileiros somente no dia 4 de novembro de 2021 mobilizando um grande público.

De acordo com o diretor os ataques sofridos pelo governo federal provocavam uma maior conexão das pessoas com a história de Marighella, “esse não é um filme sobre os que defenderam a democracia nos anos 60 e 70. Esse é um filme dos que estão resistindo no Brasil de hoje.”<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/wagner-moura-marighella-governo-bolsonaro-censura/>

Acesso: 06 nov.2023

Figura 4 - Card dos filmes



Fonte: <https://images.app.goo.gl/KRb3Fih1tnZyDua57>

<https://images.app.goo.gl/YBi4gkwR8dsubW787>

Neste contexto, também podemos citar o ocorrido com o filme Medida Provisória, dirigido pelo ator Lázaro Ramos que enfrentou empecilhos burocráticos para a autorização de lançamento nas telas de cinema brasileiras. Novamente a Ancine juntamente com o governo promoveu um boicote para adiar a estreia do longa-metragem, com a justificativa de que o filme foi feito para falar mal do presidente do Brasil no período.<sup>9</sup> Depois de quatro adiamentos e tentativas de impedir a distribuição dos filmes nas salas de cinema, Medida Provisória teve a sua estreia no dia 14 de abril de 2022.

Neste cenário de um mundo em decomposição, Emicida inicia sua experiência social e lança o álbum AmarElo, no dia 30 de outubro de 2019. O álbum propicia uma forma de respiro diante de tantos acontecimentos que nos atravessaram no ano de 2018, oferecendo uma visão crítica da realidade social. Os grupos anteriormente citados e perseguidos puderam ser representados de diversas formas em nas letras do disco. Nelas, Emicida traz-nos uma mensagem que a força do amor faz a construção do elo e que devemos ficar juntos, nos mantemos unidos para assim enfrentar um mundo de discriminação e preconceito.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/04/lazaro-ramos-dirige-tais-araujo-e-cria-brasil-distopico-em-medida-provisoria.shtml>

Acesso: 06 nov.2023





## 2 CAPÍTULO: REGAR – ANÁLISE DO ÁLBUM AMARELO

O tema da pesquisa desenvolve-se a partir da minha proximidade com o álbum AmarElo em articulação com os trabalhos acadêmicos ao longo da graduação. De alguma forma, envolvia como as obras do rap Emicida conseguem inspirar-me e renovar minhas esperanças. Pois em cada verso e a cada rima fazem que mesmo com as dificuldades enfrentadas nesse país desigual, possamos levantar a cabeça e seguir em frente.

Quando Emicida cita Mateus Aleluia em um trecho do seu *podcast AmarElo – o filme invisível para* falar do princípio de tudo, ele fala que Seu Mateus defendia que antes do verbo já existia a música. (EMICIDA, 2020). Podemos dizer que a música faz parte da nossa vida, pois temos trajetórias e experiências musicais e somos cercados de música durante todo o nosso dia. Para Amorim (2019), a música é uma sede que nunca cessa. Quando mais experiências musicais carregadas de afeto, inundadas de emoções, mais vivências ampliarão o desejo e necessidade de viver e sentir a música. Dessa forma, apresento, por meio do memorial a seguir, a minha ligação com a música e o álbum AmarElo.

### 2.1 – Cartas de amor para todo mundo: Memorial

Quando Emicida escreve o álbum Amarelo como quem manda cartas de amor, eu me lembro que sempre gostei de escrever cartas de amor para as pessoas importantes da minha vida, mas nunca escrevi uma carta para mim mesma. Então vejo aqui uma oportunidade de escrever pela primeira vez “do fundo do meu coração, do mais profundo canto em meu interior”, uma carta de amor para a Malu.

E por falar em amor, minha história começa com uma das minhas histórias de amor preferida, com minha mãe, Leonora e meu pai Wesley, gosto de ouvir a história da época de quando se conheceram e começaram a namorar e de saber que eu nasci fruto de um relacionamento amoroso e respeitoso. Nasci e cresci na região administrativa periférica de Brasília, mais conhecida como Ceilândia, morei na rua QNP 12 do Setor P.sul, onde tive os melhores momentos da minha infância e adolescência e pude criar laços com amigos que hoje considero como irmãos.

Figura 5 - Onde tudo começou



Fonte: Acervo pessoal

Eu me considero uma líder nata, uma revolucionária, acho que nasci com essa vocação. Fui a primeira neta da família de ambos os lados, uma família que tinha lá seus desentendimentos, mas sempre estive presente em todos os meus momentos. Meu avô Josimar costuma falar que eu nasci com o dom de apaziguadora que eu vim com a função de unir a família. Acredito que esse propósito não se encaixa somente no núcleo familiar, mas por toda a minha trajetória de vida, como diz a letra de Principia: “ Se a benção vem a mim, reparto. Invado cela, sala, quarto”.

Quando se fala em Ordem natural das coisas: “O som das crianças indo para escola convence/ O feijão germina no algodão, a vida sempre vence”, este trecho me lembra momentos da Educação Infantil no ano de 2002, em uma escola particular que eu chamava de Tagarela. Minha tia Jó que me buscava na escola e sempre dava um jeito de mostrar como a vida sempre vence, contando histórias, explicando sobre as coisas em todo o trajeto de volta para casa. Em casa tínhamos aquele momento divertido de fazer as atividades da escola, aquelas clássicas de ligar a abelha à vogal A, quando eu tinha ajuda da minha tia e avó Anézia. Outro momento que me marcou muito foi no meu aniversário de dois anos feito na escola, no qual a minha mãe contou a história de três ovelhas e uma bruxa em um avental. Depois disso, eu não me lembro de muita coisa além da minha fiel escudeira e prima, Letícia. Ela é como a música que diz: “Eu vou pro front como um guerreiro/ Nem que seja para enfrentar o planeta inteiro”, Letícia me defendia de qualquer criança que me machucava, temos uma ligação que vai muito além de ter o mesmo sangue.

Figura 6 - O avental de histórias



Fonte: Acervo pessoal

Figura 7 - Minha fiel escudeira, Leticia



Fonte: Acervo pessoal

“Crianças, risos e janelas”, essa parte na música Cananéia, Iguape e Ilha Comprida, me lembra dos melhores momentos em que eu vivi na Escola Classe 45 de Ceilândia. Fui alfabetizada com seis anos, mas confesso que não lembro de muitas coisas, além claro de outra festa de aniversário na escola com o bolo maravilhoso da minha avó Anézia e a presença da minha família. Quando fui para o 2º ano e 3º ano, algumas

coisas começaram a mudar, eu era uma aluna que não conseguia acompanhar a turma e quando a turma era dividida em grupos eu sempre ficava com os alunos que precisavam de reforço e não tirava notas boas. A professora até suspeitou de *déficit* de atenção, fiz alguns exames, mas eu só tinha o meu tempo de fazer e entender as coisas.

Figura 8 - Bolos de aniversário da Dona Anézia



Fonte: Acervo pessoal

Outro episódio que me marcou muito foi quando eu comecei a sofrer *bullying*. Sou uma menina que desde de pequena apresentei muitos pêlos pelo corpo por conta da quantidade de hormônios, me fazendo ter até bigode, o que era visto como uma coisa estranha e feia por mim e por outras crianças. Nunca estive nos padrões do que era visto como belo, então os momentos de lembrança são de exclusão e brincadeiras maldosas.

Lembro que em diversos momentos eu ficava me encarando em frente ao espelho, passava a mão no cabelo cacheado tentando alisar e deixar ele mais baixo, olhava para os meus braços e rosto e pensava em formas de como tirar aqueles pêlos que tanto me incomodavam. “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes, elas são coadjuvantes, não, melhores figurantes”, como diz a música AmarElo, o *bullying* que sofri nessa época por muito tempo foram cicatrizes dolorosas e difíceis de carregar, mas com o tempo aprendi a me amar, a me aceitar da forma que sou afinal como já dizia Dona Anézia: “Mulher de barba e bigode nem o diabo pode”.

Sou muito grata às professoras Cesarina, Sara, Amanda, Iane e Georgia que estiveram comigo durante todo esse processo do Ensino Fundamental. Elas foram

essenciais para que esses momentos fossem de grandes alegrias e leveza, vocês foram muito carinhosas e atenciosas me ajudando a superar esses momentos. Muitas dessas professoras, principalmente a Cesarina, são responsáveis por plantar a sementinha do desejo de me tornar professora futuramente.

No final do Ensino Fundamental, especificamente no quinto ano, minha mãe decidiu me tirar da escola pública que frequentava para mudar para o ensino particular. Quando eu entrei na nova escola, eu me senti perdida e atrasada em relação aos outros alunos. Hoje eu consigo entender que minha mãe queria fazer o melhor para mim, o problema é que a escola particular nunca foi o meu lugar.

Nesse mesmo tempo entra uma pessoa muito importante para a minha formação como sujeito nesse mundo. Desde muito nova fui apaixonada por dançar e minha mãe decidiu me colocar no ballet, mas, também tive vários professores que só me deixaram traumas ao tentar ser uma bailarina perfeita, até que a Tia Poly entra na minha vida como professora de ballet que levo até os dias de hoje. A Poliana sem sombras de dúvidas é a minha pessoa preferida no mundo, pois a forma como ela consegue deixar os momentos mais leves a partir da dança é a sua marca única. Ter aula de ballet com a Tia Poly sempre vai ser o meu momento de refúgio, respiro e de alívio, pois ela consegue tirar o meu melhor da forma mais carinhosa e atenciosa, além de ser uma das grandes inspirações de profissional e mulher. Tia Poly, se tem uma parte da música de principia que possa definir nossos momentos será: “Cale o cansaço, refaça o laço, ofereça um abraço quente”. Obrigada por todos os sorrisos e por ser a minha pequena alegria da vida adulta.

Figura 9- A bailarina



Fonte: Acervo Pessoal

No nono ano eu reprovei, e foi um dos piores sentimentos que pude sentir. Não reprovei por ser uma aluna ruim, mas não me esforcei o suficiente. Não foi fácil voltar para a mesma escola, porém foi mais uma batalha vencida. Emicida nos fala: “O bom senso diz: respire um momento/ é sobre aprender tipo giz e lousa/ o espírito repousa, reza e volta cem por cento”. Não foi fácil rever as mesmas matérias, ter aula com os mesmos professores, e por mais que eu me esforçasse ainda continuava de recuperação nas disciplinas que tinha dificuldade, tais como: Matemática, Português e qualquer matéria de exatas. A escola era focada em aprovar alunos em vestibulares e não na sua real aprendizagem.

Dei o meu melhor e consegui passar de ano . Decidi continuar na mesma escola no Ensino Médio por achar que daria conta, e que tinha entendido como funcionavam os métodos da escola. Engano meu, as dificuldades só aumentaram, pois, a escola tem o método de ensino que consiste em muitas provas e pouco espaço de debates e pensamentos próprios. Eu me vi dentro de uma bolha, em uma sala onde novamente eu fugia dos padrões impostos, pois era uma das únicas meninas negras que tinha o cabelo cacheado, morava na periferia e não era de classe média.

Outra coisa que me incomodava era a ignorância e falta de interesse dos estudantes em relação aos acontecimentos e mudanças políticas no Brasil. No ano de 2016, estávamos sofrendo um golpe na presidência, as escolas públicas estavam sendo ocupadas por estudantes contra a reforma do Ensino Médio. E a discussão que acontecia na minha escola eram sempre as mesmas coisas fúteis e longe da realidade do que realmente estava



acontecendo. Quando eu tentava introduzir essas pautas na aula de sociologia era reprimida pelo professor e colegas que me chamavam de petista ou comunista. Então eu percebi que o meu lugar não era ali, que eu não ia conseguir me encaixar nos padrões de pessoas que vivem em bolhas, sem ter o mínimo de senso crítico. Eu precisava falar, precisava ser ouvida como diz na música: “Cale tudo que o mundo fale e pense, o quanto a vida vale, seja luz nesse mundo cinzento”. Decidir sair dessa escola e simplesmente mostrar minha luz e conhecimento a uma escola que saberia reconhecer isso.

A escola que me deu a oportunidade para crescer foi o Centro de Ensino Médio 02 de Ceilândia. Foi como reencontrar com uma parte minha que andava perdida por aí e me redescobrir uma menina militante que não aceitava injustiça e lutava pelos seus direitos e por aquilo que ela acredita.

Logo no primeiro bimestre, os professores entraram em greve por conta da reforma da previdência, lembro do meu professor de sociologia, Pedro, na frente do portão da escola pedindo para os alunos não entrarem nas salas de aula a apoiarem a greve dos professores. Naquele momento, acendeu em mim uma chama de revolução, e claro que uma filha de professora que cresceu dentro das assembleias dos professores iria apoiar essa greve. Não deu outra, em alguns dias a escola estava fechada e eu tinha organizado uma manifestação no centro de Ceilândia em apoio à greve e contra a reforma do Ensino Médio e reforma da previdência. Além disso conseguimos fechar mais três escolas de ensino médio na cidade.

Figura 10 - Manifestação no Centro de Ceilândia



Fonte: Acervo Pessoal



O CEM02 era a escola que me oportunizou descobrir-me como sujeito político, crítico e libertador. Tudo era motivo para eu poder questionar e lutar caso fosse necessário. Como no caso de um professor machista de Física que não queria dar aula e avaliava seus alunos apenas com a cópia feita de alguns capítulos de um livro. Aquilo não era correto, então fiz um abaixo assinado com todas as turmas que ele dava aula, relatando o que estava acontecendo e levei as assinaturas para a regional de ensino.

Uma das coisas que mais me deixava feliz na escola era o fato de me sentir inteligente, sentir que ali eu poderia ser capaz de tudo. Na antiga escola, eu só zerava as provas de Matemática, mas, no CEM02 eu conseguia gabaritar as provas, eu conseguia me sentir orgulhosa das minhas conquistas.

Tem uma música do Emicida que se chama “Quem tem um amigo tem tudo”, e uma das amizades mais bonitas que tenho na minha vida foi feita nesta escola. O Gabriel é literalmente como diz na música: “Ser mano igual Gil e Caetano nesse mundo louco é para poucos, tanto sufoco insano, encontrei”. A amizade como o Gabriel foi um reencontro de almas gêmeas, a forma como ele se faz presente na minha vida é literalmente um presente dos deuses afinal: “Quem tem um amigo tem tudo/ se a bala come ele se põe de escudo/ pronto para o que vier, mesmo, a qualquer segundo/ É um obro para chorar no fim do mundo”. Tive muita sorte das pessoas que encontrei nessa escola, principalmente o Rerê que sempre me apoio nas decisões de militância, são amizades que estão presentes até hoje na minha vida e na qual sou muito grata por nunca terem soltado a minha mão.

Figura 11 - Minha alma gêmea



Fonte: Acervo Pessoal

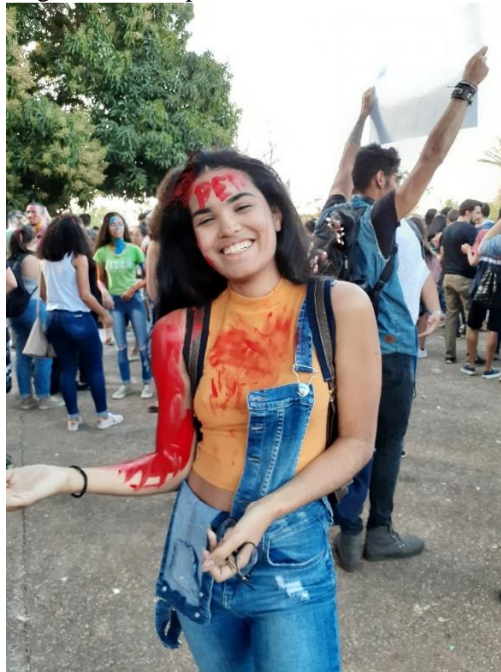
E foi nessa mesma escola que descobri qual curso iria fazer e qual faculdade gostaria de entrar, porque agora eu sentia que existia um futuro reservado para mim. Em uma saída de campo fomos convidados para conhecer a Universidade de Brasília e quando cheguei no campus Darcy Ribeiro, eu fiquei apaixonada e senti que aquele era o meu lugar eu precisava ocupar aquela universidade. Quando cheguei em casa a primeira coisa que falei para a minha mãe foi que eu estudaria na UnB.

Desde pequena eu sempre gostei muito de brincar de escolinha, sonhava em ser professora e o que não faltava era inspiração na família cheia de professores. Mesmo assim, existia aquela dúvida se realmente era esse o futuro que eu queria, até a vinda da professora Gina Vieira na semana das profissões que aconteciam na escola. Depois de ouvir a história de como ela se tornou professora eu tive a certeza que era esse o caminho que eu gostaria de seguir. Isso me lembra uma letra da música do álbum que diz: “ Tipo um girassol, meu olho busca o sol/ Minha voz corta a noite igual um rouxinol/Meu foco de pôr o amor no hall”. Ali eu entendi qual seria meu proposito na vida dentro da educação.

Terminei o Ensino Médio, fiquei naquela angústia de esperar o resultado do vestibular, afinal “ o sol só vem depois”, até que o resultado saiu e eu tinha passado na Universidade de Brasília para cursar Pedagogia. E adivinha só, tinha passado na UnB junto com os meus dois melhores amigos, Gabriel e Rerê. Nesse momento único e incrível eu só conseguia pensar em uma coisa: eu tinha conseguido.

Lembro de quando ainda estudava no colégio particular, uma professora impediu a minha entrada em um aulão do PAS porque eu tinha ficado de recuperação no final do ano e o PAS não era necessário para mim. Ou quando fui para a escola pública e as mães de umas colegas pediram para elas pararem de sair comigo porque agora eu era “sem futuro”. Lembro de todas as pessoas que me desencorajaram, desacreditaram do meu potencial. Eu tinha dado a minha resposta, eu consegui entrar na Universidade de Brasília porque como diz Emicida: “ A meta é deixar sem chão quem riu de nós sem teto”.

Figura 12 - Ocupei a Universidade de Brasília



Fonte: Acervo pessoal

Vou confessar que o primeiro semestre na faculdade não foi nada daquilo que eu pensei, além de ter sido extremamente difícil. Criei muitas expectativas sobre a universidade que de certa forma não foram atendidas, mas uma vez me vi cercada de bolhas e eu continuava sendo a menina que vivia militando. Nesse tempo, eu perdi a minha avó materna, Anézia, minha inspiração de mulher revolucionária. Foi muito dolorido a sua partida, mesmo sabendo que ela precisava descansar. Terminei o semestre cheia de questionamentos se realmente deveria continuar.

Figura 13 - Uma mulher revolucionária



Fonte: Acervo pessoal

No semestre seguinte veio a pandemia e as coisas começaram a desandar até pensar em desistir de Pedagogia eu pensei, porque como diz na música: “Metrópoles

sufocam, são necrópoles que não se tocam/então se chocam com sonhos de alguém/ são assassinas de domingo a pausar tudo que é lindo”. O mundo estava passando por momentos difíceis, as pessoas se sentindo sufocados pela pandemia e com muitos sonhos assassinados pelo desgoverno do presidente Bolsonaro.

Pedagogia não estava mais sendo uma opção até a entrada da professora Paula Cobucci, que com todo o seu encanto me faz voltar a ser apaixonada pela educação e ver que meu propósito seria transformar o mundo através da educação e das crianças. Nesse momento, o álbum Amarelo do rap Emicida começa a entrar aos poucos nos trabalhos acadêmicos. Afinal: “ Eu sonho mais alto do que drones/Para arregaçar como um ciclone / pra que o amanhã não seja só um ontem com um novo nome”.

O álbum AmarElo do Emicida entra na minha vida durante a pandemia quando estava procurando alguma coisa para assistir com a minha irmã e achamos o documentário do Emicida, “É tudo pra ontem” disponível na Netflix. Eu ainda não tinha ouvido nenhuma música do álbum e não fazia ideia da magnitude de toda a sua construção. Depois de ter assistido ao documentário, não se fazia outra coisa na nossa casa a não ser ouvir todas as músicas todos os dias em todos os lugares possíveis. Toda vez que tocava a música Principia e chegava na parte do Pastor Henrique Vieira, não importava o que eu estava fazendo eu começava a orar junto com ele, por isso nomeei essa parte como oração AmarElo e confesso que é a minha parte preferida de todo o álbum.

Um dia antes da minha irmã Isabela, que chamo carinhosamente de Moura Lima, fazer a prova do PAS (processo seletivo de avaliação seriada da UnB), foi lançada a gravação do show ao vivo do disco AmarElo e estávamos muito ansiosas para poder assistir. Dançamos e cantamos a gravação inteira, e ali, eu pude perceber a importância do álbum para nós duas. Era o nosso momento de respirar fundo e deixar tudo que estava acontecendo para depois, pois o momento que importava era a gente dançar e curtir.

Figura 14 - Dançar é uma pequena alegria da vida adulta



Fonte: Acervo Pessoal

A Moura Lima além de ser minha gêmea ela é tudo que Emicida diz na sua música *Pequenas alegrias da vida adulta*, “ eu vou bater de frente com tudo por ela, topar qualquer luta”, porque não existe um mundo sem a Moura Lima, não existe alegria ou qualquer diversão sem ela. Ela faz com que nessa rotina louca e caótica possamos ter pequenas alegrias na vida, seja para dançar em um dia qualquer, para chorar com filmes tristes ou para salvar o planeta do capitalismo e destruição. Então “eu vou pro front como um guerreiro, nem que seja para enfrentar o planeta inteiro, correr uma maratona, chegar primeiro, e gritar”, é por você Moura Lima,

Durante esse período de lançamento do álbum *AmarElo* tive a oportunidade de assistir o show do Emicida organizado pelo Sesc de Ceilândia, um show gratuito que levava cantores de rap para a periferia de Brasília. Só de imaginar o Emicida na minha cidade, no dia do meu aniversário, com um show de *AmarElo* eu já ficava toda emocionada. No dia do show foi perceptível notar a diferença que a suas músicas faziam para as pessoas, a energia do local era outra, dava para ver que todos no local estavam se amando, se emocionando e fazendo um resgate do seu próprio eu cantando as músicas em alto bom som. Naquele momento eu percebi que as pessoas precisavam ter essa experiência musical, elas precisavam ser tocadas pela música do Emicida e receber o recado que ele tinha para dar, que no final “ tudo que nois tem e nois”.

Quando voltamos às aulas presenciais na universidade, eu me senti sozinha, senti que aquele lugar precisava ser ocupado politicamente. Então, eu me juntei com alguns amigos e estes foram chamando outras pessoas e decidimos criar uma chapa para concorrer à gestão do Centro Acadêmico Pedagogia do Oprimido- CAPE. Dessa forma,

nasceu a gestão AmarElo, um dos trabalhos dos quais eu tenho mais orgulho de ter feito parte. Conseguimos trazer o elo e as pequenas alegrias do cotidiano dos estudantes de Pedagogia.

Durante essa volta presencial à Faculdade de Educação tive um reencontro muito importante e especial com a professora Andrea Versuti. Sabe quando Emicida fala em sua música Principia que “o sorriso é a única língua que todos entendem,” ele quer dizer que quando as pessoas se encontram, o curso dos acontecimentos muda e o meu reencontro com a professora Andrea fez com que tudo mudasse de uma maneira melhor dentro da faculdade e na minha vida. Ela faz com que enxerguemos um mundo através da lente de um filme, da sua paleta de cores e intencionalidade, gosto de acreditar que ela é a própria reencarnação do Paulo Freire, pois a sua forma de transmitir seus conhecimentos é por meio do amor, sim amor e respeito pelas pessoas e pelo o que ela faz, afinal o amor é a forma mais revolucionária e instantânea de conectar as pessoas, claro além dos filmes.

Esse reencontro foi o pontapé inicial do sonho de construir esse trabalho, suas aulas de educação e cinema forma momentos de respiro durante a pós pandemia e o período de eleição do Brasil, no ano de 2022. Em uma de suas aulas debatemos sobre a importância de trabalhar a micropolítica dentro das escolas, fazendo com que o acesso à política e o debate de diversidade chegassem às minorias e assim tive a minha resposta de como trabalharia o álbum AmarElo como um dispositivo de cultura na educação. Outra matéria importante para a construção desse trabalho, foi a de musicalização na educação com a professora Patrícia Pederiva que nos mostrou um universo amplo de experiências musicais ensinando que a arte é o lugar de liberdade, expressão e erros.

Considero que tive uma boa trajetória durante toda a graduação, pude aproveitar todo o universo que a UnB pode oferecer, ri e chorei muitas vezes, fiz muitas amizades que quero levar para a vida, construí uma família com a gestão do CAPE, me apaixonei e o melhor de tudo, pude me descobrir e redescobrir diversas vezes, pude ser livre e feliz. E tive o privilégio de ter como referências várias professoras que me inspiraram durante toda essa trajetória.

“A música é só uma semente”, a semente da música foi plantada há muito tempo pelo meu pai que é uma das motivações para o tema desse trabalho de conclusão de curso. O Sr. Wesley, como gosto de chamar, era o tipo de pessoa que ninguém acreditava que teria um futuro, ele tinha grandes chances de entrar nas estatísticas que enquadram um



menino retirante, preto e pobre. Mas, alguma coisa fez com que ele fosse atrás de um futuro diferente, e acredito que o acesso à educação de jovens e adultos abriu as portas para a construção dessa vida melhor. Meu pai sempre costuma dizer que para conseguir coisas boas na sua vida é preciso o estudo em sua base. Ele é uma das grandes inspirações da minha vida, e é muito bonito ver como a educação pôde melhorar a sua vida para que hoje eu pudesse ter diversas oportunidades promovida por ele e minha mãe.

Figura 15 - Meu super herói



Fonte: Acervo pessoal

Além disso, desde de pequena na barriga da minha mãe, meu pai já me apresentava aos clássicos de jazz e rock. Ele que me inseriu no meio musical, me colocava pequena em cima do violão dizendo que eu estava aprendendo a tocar. Então esse projeto nasce com a ideia de juntar coisas pelas quais sou grata e minhas maiores paixões.

Termino essa carta com umas das minhas partes preferidas do álbum que nomeei como Oração AmarElo:

*“Amor é espiritualidade*

*Latente, potente, preto, poesia*

*Um ombro na noite quieta*

*Um colo para começar o dia.*

*Filho, abrace sua mãe*

*Pai, perdoe seu filho*

*Paz é reparação*

*Fruto de paz*

*Paz não se constrói com tiro*

*Mas eu o miro, de frente*  
*A minha fragilidade*  
*Eu não tenho a bolha da proteção*  
*Queria guardar tudo que amo*  
*No castelo da minha imaginação*  
*Mas eu vejo a vida passar num instante*  
*Será tempo o bastante que tenho para viver?*  
*Eu não sei, eu não posso saber*  
*Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida*  
*Farei um altar para comunhão*  
*Nele eu serei um com o mundo*  
*Até ver o ubuntu da emancipação*  
*Porque eu descobri o segredo que me faz humano*  
*Já não está mais perdido o elo*  
*O amor é o segredo de tudo*  
*E eu pinto tudo em amarelo”.*

## **2.2 – Permita que eu fale: Uma introdução ao álbum AmarElo**

Cotidianamente fazemos o uso da palavra como ferramenta de poder nas relações políticas, culturais, emocionais e pessoais, e se voltarmos um pouco na história, conseguimos entender melhor como essa relação de poder funcionavam, principalmente na época da escravidão do Brasil, onde a voz, a língua e a história do povo preto eram constantemente silenciadas.

De acordo com a autora Grada Kilomba (2020), o poder da língua tem uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. Explicando o motivo pelo qual existiam políticas sádicas de conquista e dominação aos povos pretos, pois no mundo conceitual branco o sujeito negro é identificado como objeto “ruim”, incorporando os aspectos que a sociedade tem reprimido, como a agressividade, cor e a sexualidade (Kilomba,2020, p.37). Dessa forma, é necessário a retomada da memória desse período,



para o reconhecimento e pertencimento da história desse povo. A autora Lélia Gonzalez (1980), fala que a memória é considerada como o lugar de inscrição que restituem a história que não foi escrita, sendo a memória um lugar de resistência.

Durante os quatro séculos de escravidão no Brasil, prevaleceu o projeto colonizador e eugenista de oprimir a população negra brasileira. Nesse processo, vários instrumentos e ações foram usadas para domesticar, silenciar e exterminar o povo preto. Um desses instrumentos utilizados era a máscara do silenciamento, que ficou conhecida pela escrava Anastácia<sup>10</sup> que era obrigada a utilizar essa máscara como castigo.

A máscara reprimia qualquer atitude e pensamento, implementando o sendo de mudez e medo no sentido de que a boca era um lugar de silenciamento (Kilomba,2020). Por isso, a importância de retomar esta memória para que este período não fique apenas marcado como um fato isolado do passado, mas sim um marco na relevante história do país, para entendermos os atos de racismo do nosso cotidiano.

Entretanto, podemos perceber que mesmo diante do projeto de colonialismo e silenciamento, essas pessoas resistiram com uma sede coletiva de ganhar voz para poder escrever e recuperar uma história escondida e negada. Fato que me lembrou à fala do rap Emicida em uma de suas músicas, quando ele diz que seu objetivo com cada letra que ele escreve é devolver a alma de cada um dos seus irmãos que um dia sentiram que não tiveram uma.

---

<sup>10</sup> “Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa” (Kilomba,2020,p.35).

Figura 16 - Mascara do Silenciamento



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Escrevendo para um mundo em decomposição, Emicida cria seu projeto de estúdio denominado AmarElo, no qual as suas composições viram um filme e tudo tem vida, por meio de um roteiro de histórias com início, meio e fim. O rapper se considera como um fotógrafo do invisível por conseguir transmitir o simples movimento da vida (Emicida, 2020).

Para um mundo em decomposição, **Emicida** optou por escrever como quem manda cartas de amor. O resultado desse exercício é o novo projeto de estúdio do rapper paulista, **AmarElo**, em que ele propõe um olhar sobre a grandeza da humanidade. Com o título inspirado em um poema de Paulo Leminski (amar é um elo | entre o azul | e o amarelo), o artista busca – ao longo das 11 faixas – reunir heranças, referências e particularidades encontradas na magnitude da música brasileira e aplicar a elas olhares e aprendizados que acumulou desde o lançamento da sua primeira (e clássica) mixtape *Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida Até Que Eu Cheguei Longe* (2009). Usando o rap como fio condutor, Emicida soma o clássico ao moderno em uma incursão que ele ousa chamar de neo-samba, também responsável por elevá-lo ao mesmo patamar dos grandes mestres (Lab Fantasma, 2021).

AmarElo nasce após anos de imersão em universos diferentes e complexos, pesquisando referências em lugares como Angola, Cabo Verde e Japão, locais onde Emicida buscava a essência do disco em cada lugar que ele passava. O experimento social vem com a necessidade de denunciar os últimos acontecimentos que marcaram o Brasil,

de resgatar as memórias dos nossos ancestrais, mostrar a grandeza do nosso cotidiano e de construir um elo, com amor, espiritualidade e paz.

Para realizar a análise de acordo com os objetivos da pesquisa, foram reunidas por meio da pesquisa bibliográfica e documental, várias informações a partir das letras das músicas presentes no álbum, falas do rapper no Podcast “AmarElo - O filme invisível” e trechos do documentário “AmarElo é tudo para ontem”, com o propósito de identificar caminhos pelos quais a utilização do álbum com intencionalidade pedagógica pode contribuir na construção de repertórios críticos e reflexivos.

Dito isso, é sugerido ao leitor deste trabalho que as músicas, Principia, pequenas alegrias da vida adulta e Ismália sejam ouvidas <sup>11</sup>para uma experiência mais completa e profunda da proposta apresentada.

### **2.3 – Eu pinto tudo em AmarElo: Análise da capa**

Na capa do disco, temos uma fotografia de três crianças indígenas Yanomani, tirada pela fotografa Suíça e ativista do movimento indígena Claudia Andujar, que tem uma série de fotografia como forma de protesto denunciando as atividades de extermínio dos povos originários Yanomani.

As crianças fotografadas nos encaram deixando questionamentos sobre o que elas querem falar. De acordo com o rapper Emicida (2020), “ter três crianças indígenas na capa, num período em que estão vendo a sua cultura e seu modo de vida ameaçados, é colocá-las para encarar o Brasil dizendo: sério mesmo? Vai acontecer tudo de novo? ”.

---

<sup>11</sup> Link para poder ouvir as músicas:

Música Principia: [https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN\\_Na28](https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN_Na28)

Música Pequenas Alegrias da Vida adulta: [https://www.youtube.com/watch?v=RVZCB3\\_011c](https://www.youtube.com/watch?v=RVZCB3_011c)

Música Ismália: <https://www.youtube.com/watch?v=EtN1jBk0ZQg>

Figura 17 - Capa do disco AmarElo



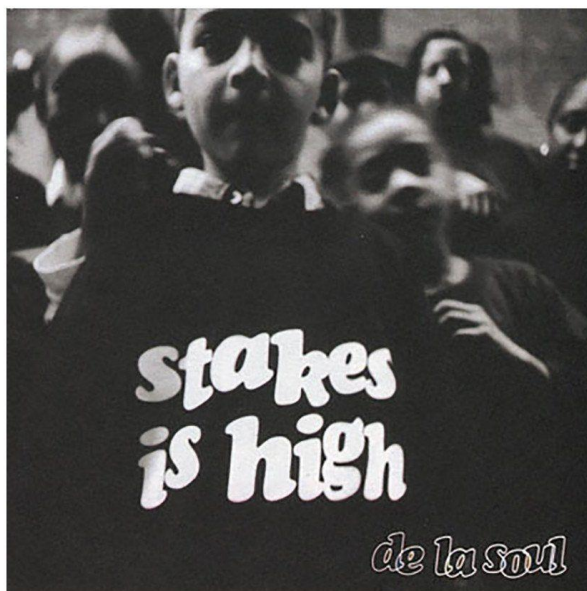
**AmarElo**  
**EMICIDA**

Fonte: <https://images.app.goo.gl/bmxCeQGbXDvMq9Eo6>

Outra inspiração para a identidade visual do álbum, foi a capa do disco *Stakes is High*, um grupo musical americano de rap De La Soul que trabalha com uma fórmula anti-gangsta de se fazer rap. Dessa forma o disco AmarElo se articula ao movimento racial global e a cultura negra internacional. Além de fugir do estereótipo que muitas vezes é colocado para o estilo musical de rap, em um lugar de marginalidade. O rapper Emicida fala:

O rap é compreendido por um estereótipo que é o mesmo dado às pessoas pretas, como a raiva e a pobreza. Muitas vezes, o discurso das músicas corroborou com isso. Por mais que a denúncia seja valiosa, ela achata a experiência e não faz justiça a tudo o que somos. Em *AmarElo*, a gente foge desse espectro previsível do que o rap pode ser. (Lab Fantasma, 2021)

Figura 18 - Álbum Stakes is High



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/516365913525061542/>

Com o nome do disco AmarElo, naturalmente esperamos uma capa com várias referências da cor amarela, mas ao invés disso, temos apenas uma capa branca com uma fotografia em preto e branco, nos deixando o questionamento de toda a intenção desse projeto visual. Segundo o designer Marcelo Lima<sup>12</sup>, “ A ideia é ter todas as cores porque todas as cores são importantes. Se não houvesse as outras cores, não haveria o amarelo, e vice-versa”.

Segundo a autora Heller (2022), a cor é mais do que um fenômeno ótico e um instrumento técnico. Assim, a cor sempre vai ter um significado, sendo determinada por um contexto ou pela subjetividade com a qual a percebemos. Entender o propósito da escolha de uma cor e de uma palavra para representar o álbum é de extrema importância para a análise desse trabalho, ficando o questionamento, de por que usar a cor e o jogo de palavras AmarElo.

Para Heller (2022), a cor amarela é a cor mais contraditória, por ser a cor do otimismo, iluminação, entendimento é também a cor da hipocrisia, inveja, irritação, a cor dos desprezados e dos traidores. Dessa forma, podemos pensar na intencionalidade do

---

<sup>12</sup> Fonte: <https://casaturamusical.com.br/amarelo-emicida-capa-do-disco/>  
Acessado em: 18 out. 2023

rapper Emicida em querer utilizar a cor amarela, por sua ampla representação, tanto para agradar e desagradar as pessoas, como nas coisas que nos deixam felizes e que nos causam raiva, como o sol e a inveja.

#### **2.4 - O amor é o segredo de tudo: Música Principia**

A primeira música do disco se chama Principia, que dá início ao sonho do personagem protagonista. É considerada uma música etérea que nos remete às memórias da infância, tendo como seu tema principal o sonho e as possibilidades de se devolver o direito de sonhar. A espiritualidade e a ancestralidade também são referenciadas na letra da música, de forma que identificar elementos de filosofias africanas.

De acordo com Cunha (2010), as filosofias africanas estão ligadas às questões da ancestralidade, de identidade territorial, de transmissões dos conhecimentos pelas palavras faladas, pelos seres e pelos tambores. Retomando assim às ideias apresentadas acima sobre a importância da memória histórica dos nossos ancestrais, que por muitas vezes tentaram silenciar, mas que agora são contadas através de contos, músicas, poemas e outras expressões artríticas.

Com o cheiro doce da arruda  
Penso em buda, calmo  
Tenso, busco uma ajuda  
Às vezes me vem um salmo  
Tira a visão que iluda, é tipo um oftalmo  
E eu, que vejo além de um palmo  
Por mim, tu, Ubuntu, algo almo (Emicida,2019).

Podemos perceber as diversas religiões representadas na música, formas de espiritualidade e crenças que são buscadas quando precisamos de ajuda. De certa maneira, a música fala que podemos acreditar nas pequenas e grandes coisas quando o mundo só nos diz não. Em uma parte da música podemos ver que a letra junta o amor e a fé, pois quando as pessoas se encontram o curso dos acontecimentos podem mudar, sendo preciso reconhecer como o outro pois, “Tudo que nois tem é nois”.

A autora bell hooks (2021), comenta sobre o desconhecimento da palavra amor, por não termos uma definição exata da palavra, e para alcançarmos esse conceito é preciso pensar em uma definição partilhada de amor e pensar no amor como uma ação. Por isso, iremos “entender o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa” (hooks, 2021, p.48). O amor que está presente na letra tem ligação com a definição da autora, um amor que nos faz crescer espiritualmente, entendendo que de fato o que teremos é a “nois mesmos”.

Em uma outra parte da letra percebemos a preocupação com a retomada da ancestralidade “Tudo que bate é tambor, todo tambor vem de lá, se o coração é o senhor, tudo é África” (Emicida,2019). Reflete a importância de se conectar com os nossos ancestrais e se compreender como sujeitos no mundo.

Cunha (2010), explica que a natureza, o meio ambiente, a localidade e a comunidade fazem parte do ancestral, por isso devemos ter a essência e o respeito aos ancestrais como forma de respeito ao conhecimento. Na última parte da música, temos a oração que nomeei como “Oração AmarElo” interpretada pelo Pastor Henrique Vieira, que nos diz que o amor é a revolução e a espiritualidade. E como Emicida (2020) diz: “Amar é a forma mais revolucionária e instantânea de conectar as pessoas.”

Figura 19 - Ancestralidade AmarElo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Retomando a minha ancestralidade e meu conceito de amor, me deparo com essa colagem, na qual essas duas palavras, amor e ancestralidade, estão conectadas a uma pessoa. Minha avó é o significado dessa conexão. Ela consegue representar em seus gestos, pensamentos e atitude o que a música Principia que dizer. Ela é a pessoa que recorreremos quando o mundo diz não, sendo um grande exemplo de fé e espiritualidade, é ela a pessoa em forma de amor.

Amor é decisão, atitude

Muito mais que sentimento



Alento, fogueira, amanhecer  
 O amor perdoa o imperdoável  
 Resgata a dignidade do ser  
 É espiritual (Emicida,2019)

A música começa com o canto das Pastoras da comunidade do Rosário, resgatando o conceito de música sacra brasileira, de acordo com Emicida (2020), “A importância das Pastoras no coro é por elas conferirem uma energia secular de uma espiritualidade que não se deixou corromper pelo tempo”. Além disso, a música é regida pelo instrumento característico do candomblé, o agogô, com o intuito de trazer a força do gospel para um ambiente de terreiro tanto no canto como na percussão, e assim termos em toda a música o acompanhamento da mistura de ritmos da música sacra brasileira.

A escolha da música Principia, se dá pelo fato de que ela permite que a diversidade musical presente no Brasil seja trabalhada na área de educação musical, sendo explorados música sacra; os instrumentos do candomblé e a própria batida do rap. A música nos devolve o direito de sonhar e o debate sobre esse tema e de extrema importância para um mundo onde as pessoas apenas têm objetivos e metas a serem cumpridas e se esquecem das pequenas alegrias que o mundo tem a oferecer.

## **2.5 – Seja luz nesse dia cinzento: Música Pequenas alegrias da vida adulta**

“Pequenas alegrias da vida adulta” é considerada uma crônica do rap brasileiro que conta a história de um super-herói que pega ônibus. De acordo com o autor Contier (2005), o rap é caracterizado pela reinvenção do cotidiano, denunciando por meio de suas canções os problemas graves vivenciados nas situações sociais, narrando com as suas próprias vozes e olhares a vida nas cidades contemporâneas, transformando-se em cronistas e críticos da modernidade. Esta música foge do padrão das denúncias feitas na maioria das músicas de rap, fazendo com que voltemos o nosso olhar para as pequenas vitórias nos detalhes do dia a dia, como:

Deus te acompanhe pretin, me deu um beijo e virou poesia / Sábados de paz onde se dorme mais / Encontrar uma Tupperruwere que a tampa ainda encaixa / Promoção de fralda / Presentes feitos com guache (Emicida, 2019).

A música mostra também a importância de não nos esquecermos das lembranças de infância, e das nossas alegrias com as pequenas coisas que aconteciam. Além de enfatizar que, por mais que tenhamos rotinas cansativas, é preciso parar e ver o que há de melhor na vida.



Deve ser ter cuidado ao passar no trapézio”/ Breve o bom sendo diz respire um momento, é sobre aprender tipo giz e lousa, o espírito repousa, reza e volta cem por cento, cale tudo que o mundo fale e pense, e o quanto vida vale, seja luz nesse dia cinzento(Emicida,2019).

A música tem como base da instrumentalização o pianista Marcos Valle. A melodia da música nos deixa com sensação de respiro, alívio, calma e leveza, nos fazendo de fato refletir sobre as nossas pequenas alegrias da vida adulta.

Figura 20 - Eu vou pro front como guerreiras – MTST



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

Fonte: Instagram @mtstdf (2022)

Quando pensamos nas nossas pequenas alegrias, logo vem em mente coisas do nosso cotidiano como acordar, receber um beijo e abraço ou até mesmo as nossas pequenas vitórias. As meninas da Cozinha Solidária do movimento MTST nos mostram cotidianamente como a alegria está nos pequenos momentos, pois mesmo cansadas da sua rotina corrida, os pequenos encontros podem se tornar uma festa com a comemoração de ter conseguido escrever um texto. Ao escolher a música Pequenas alegrias da vida adulta, percebi a possibilidade de trabalhar a narração de uma história na qual podemos nos enxergar como super-heróis do nosso próprio cotidiano e as protagonistas da nossa própria história.

## 2.6 – Até pra sonhar tem entrave: Música Ismália

Para o encerramento do álbum temos a música Ismália, que nasce com a inspiração do poema escrito por Alphonsus de Guimaraens. O poema fala sobre a personagem Ismália que se coloca no alto de uma torre, e enlouquecida, começa a sonhar com duas luas; uma que está no céu e a outra no mar. Em um estado de delírio ela se põe a cantar e se atira do alto da torre caindo no mar. O poema fala sobre amor e a loucura de amar, é interpretado na música pela atriz Fernanda Montenegro. Para Emicida (2020), “o poema fala sobre ser preto no Brasil”, trazendo a temática de que no Brasil as pessoas pretas não têm o direito de sonhar.

Com a fé de quem olha do banco a cena  
 Do gol que nós mais precisava na trave  
 A felicidade do branco é plena  
 A pé, trilha em brasa e barranco, que pena  
 Se até pra sonhar tem entrave  
 A felicidade do branco é plena  
 A felicidade do preto é quase”(Emicida,2019).

Ao longo da letra podemos perceber o lugar simbólico e social que a população negra deve ocupar a partir da construção da sociedade racista em que vivemos. Também podemos ver que a música aborda temas importantes que marcam o Brasil de hoje, como o protagonismo de pessoas pretas reforçando que a liberdade não é algo permanente, além de narrar acontecimentos violentos com a população negra, tantas vezes ignorada pela mídia e pela própria sociedade.

Olhei no espelho, Ícaro me encarou, cuidado, não voa tão perto do Sol, eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei, o abutre quer te ver de algema pra dizer: Ó, num falei?!”/ “Paisinho de bosta, a mídia gosta, deixou a falha e quer medalha de quem corre com fratura exposta, apunhalado pela costa, esquartejado pelo imposto imposta, e como analgésico nós posta que, um dia vai tá nos conforme, que um diploma é uma alforria, minha cor não é um uniforme. (Emicida,2019).

Sobre os trechos em que Emicida faz referências aos acontecimentos que deixam claro qual parcela da população é alvo de atitudes violentas e de que forma a autoridade enxerga esses episódios, Araujo (2021) nos explica que Emicida faz referência ao assassinato do músico Evaldo dos Santos, que estava a caminho de um chá de bebê quando o carro que estava foi atingido por 80 tiros disparados por militares, que confundiram seu carro com um de assaltantes.

80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo  
Quem disparou usava farda (Mais uma vez)  
Quem te acusou nem lá num tava (Banda de espírito de porco)  
Porque um corpo preto morto é tipo os hits das paradas:  
Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada. (Emicida,2019).

Em uma parte da música, Emicida detalha o episódio violento da vinda da população negra para o Brasil na condição de escravizados, relatando os acontecimentos em uma ordem cronológica, desde a vinda dos navios negreiros até revelar que para o povo preto, a liberdade não é algo permanente.

Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles, nega o deus deles, ofende, separa eles, se algum sonho ousa correr, cê para ele ,e manda eles debater com a bala que vara eles, mano ,infelizmente onde se sente o sol mais quente ,o lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente, quis ser estrela e virou medalha num boçal, que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral, um primeiro salário, duas fardas policiais, três no banco traseiro, da cor dos quatro Racionais ,cinco vida interrompida, moleques de ouro e bronze ,tiros e tiros, o menino levou 111.(Emicida,2019).

A autora Kilomba (2020), afirma que uma sociedade que vive da negação e da glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Na música Ismália, vemos uma linguagem diferente de expor todas as violências e opressões que as pessoas pretas sofreram durante o período de escravidão no Brasil, e mesmo depois de quatro séculos essa população precisa sobreviver com a sua felicidade limitada à sombra de uma sociedade racista.

Quando Emicida fala que vai devolver a alma de seus irmãos a partir das suas músicas e letras, penso em outras representatividades negras que fazem esse mesmo movimento de não se esquecerem de onde viemos e tudo que conquistamos até aqui e da importância de afirmarmos a nossa resistência.

Figura 21 - O sol só vem depois



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022)

A colagem traz uma linguagem diferente do que está presente na letra da música Ismália, quando esta representa pessoas negras a partir das violências sofridas em um país que ainda vive na sombra da escravidão.

Dessa forma, temos na colagem a presença de pessoas pretas que são referência e inspiração; desde o próprio músico Emicida, Lélia Gonzáles e Liniker, além de amigas próximas que são minhas referências. A letra da música mostra que a liberdade das pessoas pretas não é algo permanente, mostrando a importância do movimento negro para a permanência e protagonismo de pessoas pretas. Desse modo, a escolha da música Ismália traz a possibilidade de trabalhar a temática étnico racial na educação brasileira, para a preservação da memória, para não nos esquecermos de quem somos e de onde viemos.

Podemos perceber por meio da análise das músicas a importância de trabalhar no meio educacional as temáticas elencadas, principalmente aquelas ligadas à educação racial e musical, demonstrando de que forma o álbum AmarElo pode contribuir para a construção do repertório crítico-reflexivo.

### 3 CAPÍTULO: COLHER – PROJETO AMARELO

Este capítulo dedica-se à apresentação da sequência didática proposta a partir da utilização das três músicas analisadas, Principia, Pequenas alegrias da vida adulta e Ismália. Também aborda as temáticas de forma transversal de acordo com o currículo em movimento da modalidade EJA/IT, além de apresentar o espaço e comunidade nos quais o trabalho foi desenvolvido e o relato de experiência da pesquisa interventiva com aplicação da sequência didática desenvolvida.

A aplicação da sequência didática ocorreu no espaço da Cozinha Solidária do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). A escolha do local ocorreu em função da minha participação em um projeto de extensão da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que tem o objetivo de desenvolver atividades pedagógicas para as mulheres que fazem o trabalho de cozinhar e distribuir as marmitas produzidas na cozinha solidária e atuam na coordenação do referido Movimento. Essas mulheres e militantes tiveram que parar com os seus estudos por diversos motivos, concluindo apenas o Ensino Fundamental.

Figura 22 - Espaço da Cozinha Solidária- Sol Nascente



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Para a criação da sequência didática tive que aprender e estudar sobre a comunidade na qual a atividade seria desenvolvida e me integrar sobre a organização do MTST, além de entender que o espaço da Cozinha Solidária se configura em um espaço

educativo não-escolar. A escola não é a única instituição responsável pela formação humana, considerando que as possibilidades de ensinar e aprender estão na base das dinâmicas sociais (Severo, 2021, p.324).

A definição de um conceito para a educação não-escolar consiste na compreensão de que as práticas educativas estão além da sala de aula e de uma educação formal. De acordo com o autor Severo (2021), a educação não-escolar pode se configurar em uma “narrativa política que valoriza saberes e experiências que atravessam diferentes tempos e espaços sociais a partir da constatação sobre crise da escola e de seus limites, diante das narrativas preponderantes” (Severo, 2021 apud Canário, 2006, p.325). Nesse sentido a Cozinha Solidária se encaixa como um espaço não-escolar por ser um movimento social com caráter formador, valorizando o seu espaço e as experiências e vivências das pessoas que a frequentam.

As mulheres da cozinha decidiram participar do projeto a partir das suas necessidades individuais. Ou seja, são mulheres que concluíram o Ensino Fundamental e pararam seus estudos, e a partir do projeto de extensão sentiram a necessidade de futuramente voltarem seus estudos na modalidade da EJA/T. A oportunidade de proporcionar uma atividade interventiva, que leva em consideração as experiências pessoais e sociais dentro do próprio local de trabalho, que é a Cozinha Solidária está ligado aos objetivos da escolarização de jovens, adultos e idosos de considerar a vivência dos educandos.

### **3.1 – Metrôpoles sufocam, são necrópoles que não se tocam, então chocam com o sonho de alguém: Contextualização do movimento MTST e sua localidade**

De acordo com o Art.6º da Constituição Federal de 1988, a moradia é estabelecida como um direito social, mas de acordo com um levantamento da ONU, 33 milhões de brasileiros não tem onde morar ocasionando em déficit habitacional. No Brasil temos uma certa quantidade de famílias sem casas para morar ou pagando alugueis comprometendo a sua renda e uma outra quantidade de imóveis vazios. Surge então em São Paulo no ano de 1997, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto com o objetivo de lutar pelo respeito ao direito constitucional de moradia.

Pode haver uma confusão em relação às siglas dos movimentos MST e MTST, pois são dois movimentos sociais que lutam por moradia, mas que têm diversos aspectos



diferentes. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST é formado por trabalhadores do campo que não possuem terras para habitar e cultivar, lutando pela reforma agrária. Já o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto pode ser entendido como uma vertente urbana do MST, que atuam nas grandes capitais organizando trabalhadores urbanos na luta por moradia.

Durante o período da pandemia nos deparamos com um momento de crise sanitária, social, econômica e política. Com o aumento dessa crise os preços dos alimentos aumentaram e a preocupação com a fome no Brasil voltar a ser pauta emergencial.

Com esse cenário, o movimento MTST cria as Cozinhas Solidárias e as hortas urbanas para combater a insegurança alimentar das pessoas que vivem nas ocupações organizadas por eles. As cozinhas funcionam todos os dias distribuindo almoço grátis para as famílias das periferias, ao total são 32 cozinhas em diversos estados brasileiros, que se mantêm com o trabalho voluntário e doações. Em Brasília, no Sol Nascente, ela foi inaugurada no dia 26 de junho de 2021. Além da distribuição da marmita o espaço contém uma horta com o plantio de alimentos que auxiliam no preparo da comida.

Figura 23 - Horta construída pela comunidade



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

A cidade do Sol Nascente está localizada a 35 quilômetros do centro de Brasília, anteriormente fazia parte da região administrativa Ceilândia, mas com o seu crescimento

acabou se tornando Setor habitacional Sol Nascente, mais conhecido como Favela do Sol Nascente. A cidade é composta por dois condomínios o Pôr do Sol e Sol Nascente que juntos somam cerca de 80 mil habitantes, sendo considerada a maior favela do país. Por estarem localizadas na periferia de Brasília, as cidades demandam uma boa infraestrutura e saneamento básico.

Os condomínios da cidade têm 79,94%<sup>13</sup> de domicílios próprios em terrenos não regularizados, contendo lotes com dezenas de casas e residências com mais de uma família morando juntas. Apenas 2,95% da população tem Ensino Superior completo e mais de 6 mil crianças menores de 6 anos estão fora da escola.

Em relação à coleta de lixo, apenas 25% da população tem a coleta na porta de casa, o restante despeja seus resíduos em estruturas semienterradas disponibilizadas pelo governo ou em lugares abertos, fazendo com que várias áreas vazias virem pequenos lixões dentro da favela. As condições precárias evidenciam o descaso do poder público com a população local. Há poucos espaços de áreas verdes, de lazer e cultura e também escolas e creches para a população.

### **3.2 – Cantar com as meninas enquanto germina o amor: construção e aplicação da sequência didática**

A prática pedagógica da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores consiste em uma ação na qual o educando se aproprie de particularidades da alfabetização e letramento em um contexto que envolva a leitura e a produção de diversos gêneros textuais. Como consequência, é necessário que o conteúdo aplicado esteja de acordo com as trajetórias vividas e as vivências culturais e sociais de cada sujeito. Dessa forma, devemos propor um tipo de letramento que ocorra de forma múltipla, considerando os diferentes modos de produção verbal, sonora, imagética e gestual.

Partindo desses pressupostos, a proposta da sequência didática deste trabalho acredita que a música contribui para a construção do repertório crítico reflexivo, promovendo uma prática pedagógica que transforme o aluno em criador de sentido. Um olhar para a música como prática educativa, deve ser pensada como uma prática

---

<sup>13</sup> Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Favela\\_Sol\\_Nascente](https://wikifavelas.com.br/index.php/Favela_Sol_Nascente)  
Acesso em 28 Nov. 2023



libertadora, de expressão, de imaginação, de criação e de interpretação da atividade humana (Pederiva, 2013).

Estas questões foram valorizadas ao elaborar a sequência didática que teve como objetivo geral a análise das temáticas presentes nas músicas, Principia, Pequenas alegrias da vida adulta e Ismália do álbum AmarElo, a partir de atividades com a educação musical e multiletramentos. Por isso, fundamentou-se no Currículo em Movimento do Distrito Federal - Educação de jovens e adultos- Primeiro segmento, que apresenta os seguintes objetivos de acordo com o eixo integrador de linguagens das disciplinas de língua portuguesa e artes:

- Relatar fatos e experiências cotidianas.
- Elaborar e realizar instruções.
- Posicionar-se em relação a diferentes temas tratados.
- Identificar e produzir uma lista, em forma de colunas ou separando os itens com vírgulas ou hifens.
- Observar os recursos sonoros dos textos.
- Ler e analisar oral e coletivamente esses textos, atentando para a linguagem figurada, observando que essas linguagens podem surgir interpretações diversas.
- Estudar e reconhecer a influência das matrizes indígenas e africanas na cultura brasileira.
- Apreciar diferentes gêneros musicais do Brasil e no mundo.

É importante ressaltar que estes objetivos curriculares foram elaborados de modo coerente com os princípios políticos-pedagógicos libertadores da Educação Popular, para que os eixos integradores sejam vivenciados pela comunidade escolar da EJAIT, contemplando a sua realidade e necessidade (Distrito Federal, 2014).

Resumidamente, a sequência didática foi organizada propondo as seguintes atividades: dinâmica com a palavra geradora; análise da capa do disco AmarElo; comparação da estética das capas de discos de rap; abordagem da temática indígena e do movimento negro brasileiro. Também foram abordadas as temáticas de ancestralidade e espiritualidade ligadas às experiências musicais. E finalmente, a criação de um mural dos sonhos, uma lista de rotina e um texto narrativo de suas histórias pessoais.

Dito isso, para a aplicação da sequência didática, o planejamento das aulas foi feito para um público com o perfil de pós-alfabetização, com o tempo estimado de 1 encontro por semana com a duração de 2 horas, totalizando 5 encontros no mês.

No primeiro encontro tivemos como subtema a capa do disco AmarElo, dessa forma o encontro foi dividido em dois momentos: dinâmica da palavra geradora e análise da capa do disco AmarElo. No primeiro momento foi feita uma dinâmica com a palavra geradora AMARELO, na perspectiva assumida por Paulo Freire; “as palavras geradoras são aquelas que, descomposta em seus elementos silábicos, propiciam, pela combinação desses elementos, a criação de novas palavras (Freire, 2018, p.146). Desse modo, as alunas formaram novas palavras utilizando as letras disponíveis.

Quando cheguei à cozinha fui organizando os materiais que iria utilizar na aula, esperando as meninas se organizarem para podermos começar a aula. Nessa organização fui perguntando como tinha sido a semana e sobre as últimas atividades desenvolvidas na cozinha. Depois, expliquei sobre como funcionariam as nossas próximas atividades, pois eu desenvolveria meu projeto de trabalho final do curso com elas.

Expliquei sobre o uso da imagem, de acordo com a resolução CNE nº 510/2016 de que o presente trabalho garantirá a confidencialidade da privacidade das participantes e a proteção das suas identidades, inclusive de imagem e voz. Portanto, para este capítulo foram utilizados os nomes fictícios, Lina, Flora e Guida para representarem as alunas e preservar o seu anonimato. Após essa conversa, Flora pediu para que ao final do trabalho elas pudessem ter acesso para ter registrado o envolvimento delas e da Cozinha Solidária.

Logo em seguida, foi feita a dinâmica com a palavra geradora, utilizando um quadro branco. Escrevi a palavra amarelo em letra de caixa alta, e depois expliquei os comandos da dinâmica dando o exemplo da palavra amor. Após este momento, Flora e Lina formaram novas palavras como: ela, roma, maré, amaral, ele, amora, mar, lar entre outras palavras.

Após esse momento, questionei as estudantes sobre os estilos musicais que elas gostam. Nos resultados estavam presentes a música gospel e o sertanejo. Depois perguntei se elas ainda tinham acesso aos discos de vinis e quais eram as músicas que ouviam na época, com o intuito de mostrar para elas o disco de vinil do álbum AmarElo vinis para despertar o interesse e a curiosidade das meninas ao explorarem esta mídia.

Imediatamente, Lina e Flora mostraram interesse em me contar suas histórias com o seus discos de vinis.

Figura 24 - Dinâmica da palavra geradora



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Depois da dinâmica, fizemos uma roda de conversa para uma sondagem a partir da análise da capa do álbum. O objetivo era observar a relação das estudantes com a temática, levando em consideração o seu conhecimento prévio do cotidiano, por meio de algumas perguntas geradoras, tais como: Diante do álbum apresentado, qual estilo musical vocês acham que possa estar presente? Qual é a raça/etnia dessas crianças que estão na fotografia? Qual a relação da fotografia com o nome AmarElo? Por que vocês acham que a palavra Emicida está escrita de forma colorida?

Figura 25 - Apresentação do vinil do álbum AmarElo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Durante a roda de conversa, as meninas mostraram desgosto e desconhecimento sobre o gênero musical do rap, o que estava indo ao contrário da minha ideia de que esse gênero musical estaria presente nas vivências das alunas e que poderia despertar uma certa curiosidade e animação a possibilidade de falar sobre música e rap.

Então elas já deixaram claro o fato de não gostarem de rap e relacionar o rap como músicas que falam muita “pederastia”. Diante das respostas em relação às perguntas geradoras, algumas respostas me chamaram atenção, como o fato da Lina dizer que “a



*fotografia é onde o artista pode capturar a nossa essência”, quando estávamos analisando a fotografia dos indígenas presente na capa do álbum. Na sequência desta fala, Flora disse que antes de ter contato com os povos indígenas, eram pessoas que ela tinha medo, por desconhecer. Flora ao ser questionada sobre o estilo musical do álbum, fala que “ a música do rap mostra a realidade da comunidade”.*

Após a exploração da fotografia e da capa do álbum, entramos na temática indígena aproveitando a vivência da participação na organização da cozinha e feitura da alimentação delas na Marcha das Mulheres Indígenas. Então pedi para que elas relatassem como foi a sua experiência de participar do acampamento e de cozinhar para tanta gente, e qual foi o contato delas com os povos indígenas. A Lina não demonstrou interesse na vivência, já Flora, relatou um acontecimento: *“uma comunidade indígena estava bebendo muito, e teve uma hora que uma criança dessa comunidade havia sumido e que só depois de muito tempo conseguiram achar a mãe da criança que estava alcoolizada”*. Flora também expôs que após a sua experiência no acampamento, ela percebeu que seu medo pelos povos indígenas era apenas por não conhecer.

Figura 26 - Apresentação da temática indígena



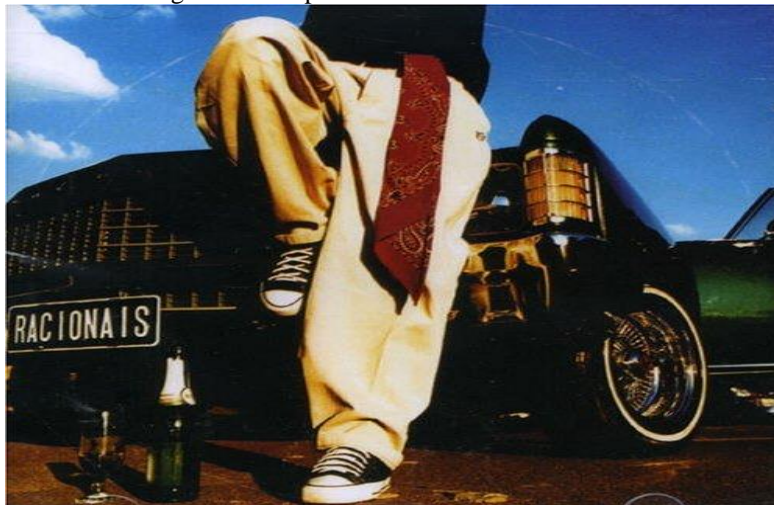
Fonte : Acervo pessoal da autora (2023)

No segundo momento da aula, foi abordada a temática indígena com a apresentação de slides, com alguns acontecimentos recentes que marcaram os povos indígenas. Discutimos sobre o que a marcha das mulheres indígenas reivindicava e sobre o marco temporal, bem como seus desdobramentos.

Problematizamos a estética do álbum que foge do estereótipo de um disco de rap, fazendo a comparação de uma capa de disco dos Racionais, e questionando se o

estereótipo do rap é o mesmo colocado para pessoas pretas. A imagem utilizada foi a seguinte:

Figura 27 - Capa do álbum Racionais



Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/df/0e/0d/df0e0df44d5247b9e5e55bb1f09e13f6.jpg>

Foi perguntado para as alunas o que elas entendiam como uma música de rap, sendo apontadas por elas várias características tais como; a música de rap vir das favelas, músicas que narram a realidade e cotidiano das pessoas. Flora fez o seguinte comentário: *“ na minha juventude não era um estilo de música que eu ouvia por achar que era errado, as pessoas me ensinavam que era errado”*.

Após esse momento, fizemos a comparação do disco do Emicida e o disco dos Racionais, com o questionamento de que as características que elas estavam me falando sobre o rap, se aplicava em qual imagem dos discos apresentados, e todas afirmaram, *“ com certeza a capa do disco dos Racionais. ”* Surge nesse momento o questionamento vindo da Lina, *“sobre porque os artistas do rap tem uma imagem de ostentação sendo que eles retratam uma realidade que não tem essa ostentação”*. Fizemos uma breve discussão sobre isso e foi indicado o documentário dos Racionais disponíveis na Netflix. Neste momento, Flora fez um comentário, *“ nós mesmo não consumimos os produtos de culturas que produzimos”*.

Figura 28 - Comparação das capas dos álbuns de rap



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Como dever de casa foi pedido para as alunas anotarem as músicas ou estilos músicas que elas ouvem no seu dia a dia e na sua comunidade para ser apresentado na próxima aula.

No segundo encontro, tivemos como subtema a música Principia, o encontro foi dividido em três momentos, as lembranças de alguns momentos importantes do encontro passado com o dever de casa, a escuta e debate da temática da música e a produção de um mural.

Na acolhida das alunas, conversamos sobre como foi a semana e novamente foi explicado como seria o desenvolvimento da sequência didática, pois tivemos a presença da Guida, que havia faltado no primeiro encontro. Durante essa conversa foi abordado pelas meninas a questão da notícia da semana sobre o plágio do álbum do Emicida. Expliquei a elas a situação com base nas notícias que eu tinha visto sobre o ocorrido. A Lina ficou bem frustrada com o fato de ter ocorrido um plágio e se questionou, “*como as pessoas tinham a capacidade de fazer isso na cara dura*”. A Guida comentou sobre os filhos dela terem falado sobre isso.

Após o momento de acolhida, foi feita uma leitura deleite do Livro: “Amoras”. De acordo com as autoras Leal e Pessoa (2012), a leitura deleite é um momento de prazer e reflexão do que é lido, sem se preocupar com a questão formal da leitura. Desse modo, foi explorada a capa do livro e apresentamos o autor Emicida e o ilustrador Aldo Fabrini.

A escolha de um livro infantil para pessoas adultas se dá pela importância de os adultos lerem as histórias infantis como um processo de descolonização de saberes (Marques; Alcaraz; Aguiar, 2018). Na leitura deleite, foi explorada a capa com o questionamento de por que o livro se chamava Amora. Lina logo respondeu que o livro falaria sobre amor. Foi comentando também sobre o fato do Emicida além de ser músico, ser também escritor. Durante a leitura percebi o envolvimento das meninas, com pequenos risos, olhares atentos e a questão de identificação com a temática do livro e a representatividade negra. Na parte em que o livro fala que “as pretinhas são o melhor que há” (Emicida,2018), a Lina comentou rindo, “*isso é verdade*”.

Figura 29 - Leitura d'leite do livro Amoras



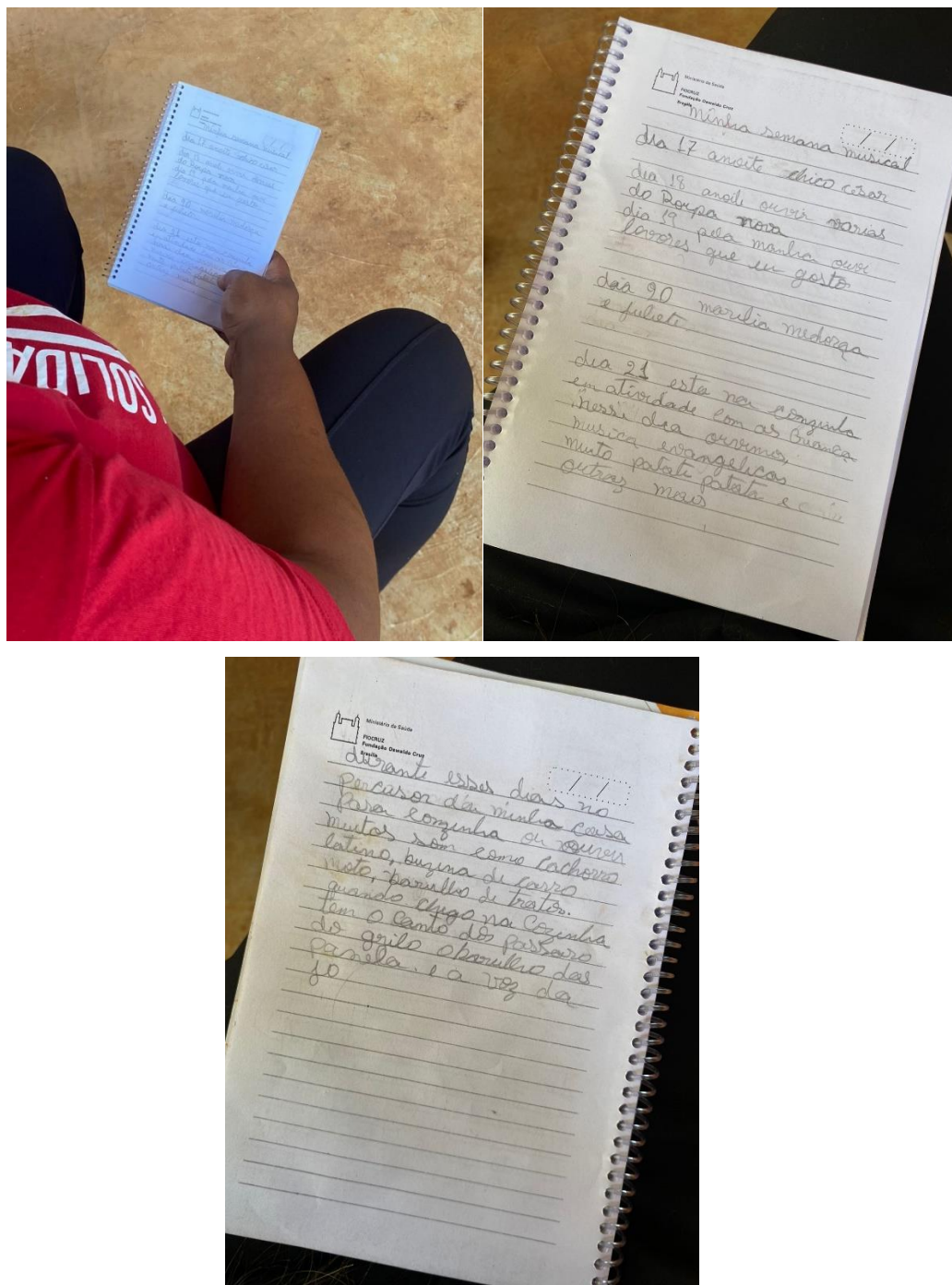
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Após a leitura fizemos uma lembrança sobre o dever de casa, que era para fazer uma anotação das músicas e sons que elas ouviram no seu dia a dia. A aluna Lina mostra muita resistência quando se trata de escrever algo sozinha, então o narrar de sua experiência musical foi falada, expressando em sons as músicas e sons que ouvia no sua dia a dia: “*COCORICO, MUUUU MUUUU, som da cigarra, rádio que ouvi de manhã, barulhos da cozinha, som do chinelo da Flora.*” Depois, Flora mostrou seu “*diário musical*”, e foi lendo as datas e o que ela ouviu no determinado dia, “*como as músicas que ela ouviu e os sons dos cachorros, passarinhos e os sons da cozinha*”. Fiz o questionamento sobre quais



seriam os barulhos que podemos encontrar na cozinha e elas relataram, “ o barulho das panelas, das músicas que a Flora coloca, o barulho lá fora das pessoas chegando, a Lina gritando para organizar a fila”, entre outras coisas que elas iam comentando. Depois expliquei como a música faz parte do nosso dia a dia e como somos geridos por música, pois da hora que acordamos até a hora de deitarmos podemos observar diferentes sons e música que estarão ao nosso redor.

Figura 30 - Diário musical



Fonte: Acervo pessoal da autora

No segundo momento da aula, nós ouvimos a primeira música do disco, Principia, e foi pedido para que as alunas anotassem as suas primeiras impressões, como: melodia, sons, palavras ou a parte que mais gostou, para que depois fossem compartilhadas com o grupo. A Lina logo falou, “*que não falaria que a música é uma música de rap*”, já a Guida falou balançando, “*gostei da batida da música ela é bem gostosinha*”, e a Flora comentou, “*eu não consegui entender muito sobre a letra, só a parte que ele fala que tudo que nós tem e a parte do pastor Henrique Vieira*”. Falamos sobre a temática de espiritualidade e amor que estão presentes na música, questionando sobre quem a gente recorre quando o mundo nos diz não.

Foi apresentada uma parte do documentário – *É tudo para ontem*, que explica sobre o processo criativo da música (tempo do documentário: 11:56 até 15:07). Ao assistirem o documentário as meninas demonstram bastante interesse, prestando atenção e comentando sobre as coisas que elas conheciam e que era abordadas no documentário.

Figura 31 - Assistindo o documentário – *É tudo pra ontem*



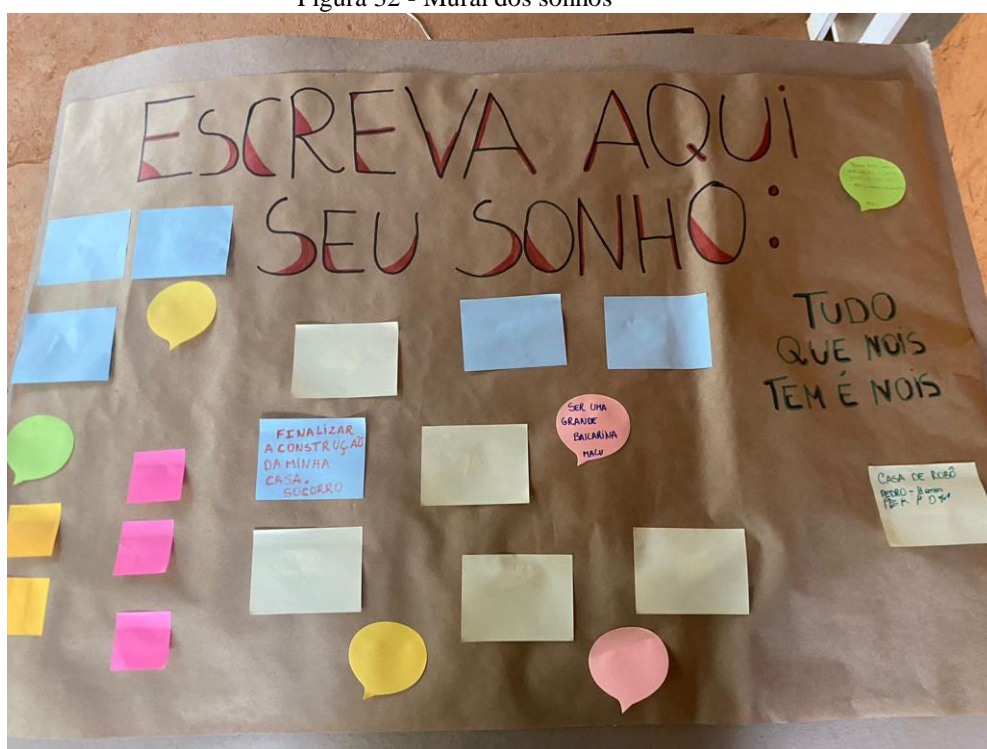
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

No terceiro momento, conversamos sobre o direito de sonhar, que foi abordado no documentário. Perguntei se elas se lembravam do seu sonho de infância. Flora explicou, “*eu perdi a minha mãe muito nova, e quando eu olhava para o céu o meu sonho era poder ver minha mãe novamente*”. A Guida falou, “*a gente sentia muita fome e por isso o meu sonho de criança era de comer*”, a Lina concordou com ela falando que seu sonho também era comer. Dessa forma, nós discutimos sobre o fato da construção da

nossa sociedade retirar o direito dos sonhos, e que em muitos corpos pretos não existe o direito de sonhar e sim objetivos a serem alcançados.

Em continuidade, propus para as meninas a construção de um mural de sonhos, para que as pessoas que frequentassem a cozinha colocassem quais são os seus sonhos. O mural tem o intuito de colocar os sonhos das pessoas com o questionamento de que se “tudo que nois tem é nois” de que forma podemos colocar isso em prática para realizar os nossos sonhos. As alunas construíram o mural com os materiais disponíveis como, cartolina, canetinha e post it. Depois disso, elas começaram a escrever seus sonhos atuais.

Figura 32 - Mural dos sonhos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

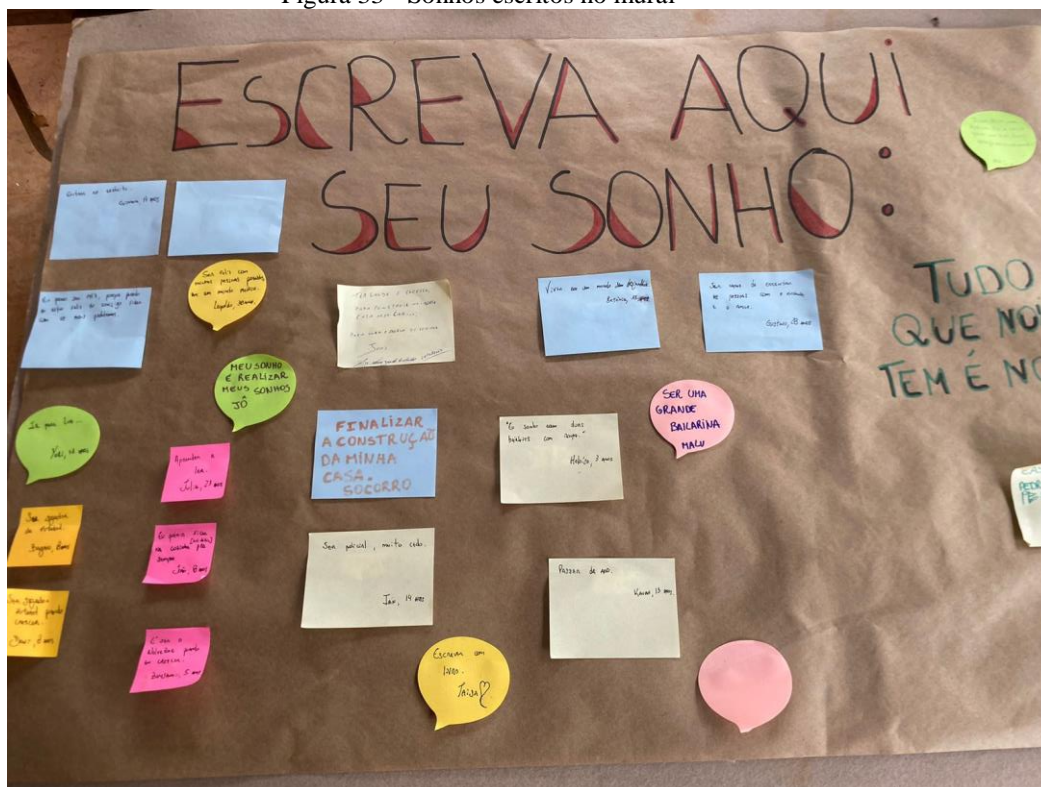
No nosso terceiro encontro tivemos como subtema a música Pequenas alegrias da vida adulta, o encontro foi dividido em três momentos destinados à escuta da música e ao debate sobre a temática presente.

No primeiro momento, nós fizemos a acolhida das alunas, quando conversamos sobre como tinha sido a semana e as atividades que estavam sendo desenvolvidas na cozinha. A Flora comentou que assistiu ao documentário apresentado nas aulas com a sua família, de acordo com a Flora, “*eu coloquei todo mundo sentado para poder assistir o documentário que estava assistindo na minha aula, e todo mundo assistiu até o final.*”



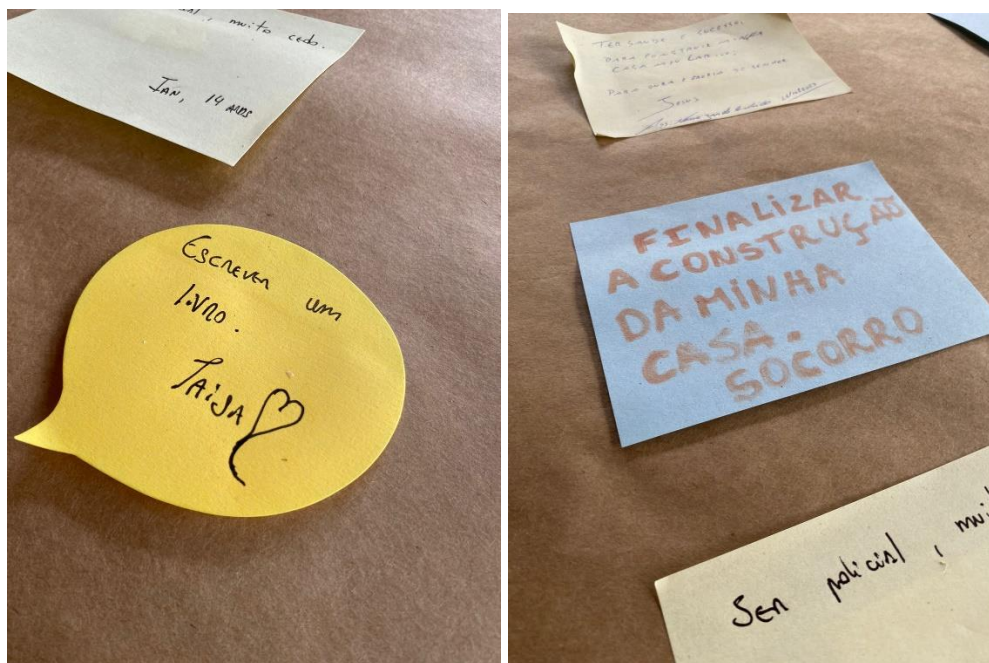
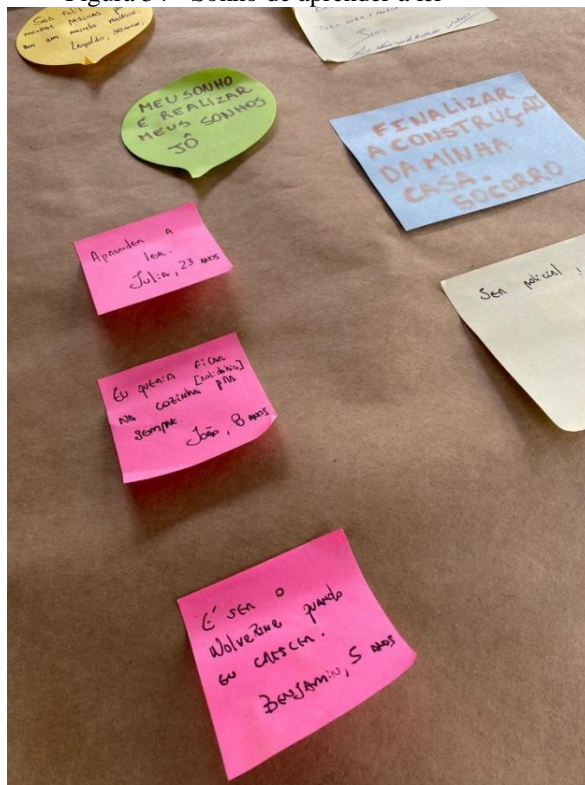
Confesso que não consegui prestar muita atenção, mas gostei”. Depois de momento de acolhida, relembramos o mural de sonhos e vimos os novos sonhos que tinham sido deixados lá.

Figura 33 - Sonhos escritos no mural



Fonte: acervo pessoal da autora (2023)

Figura 34 - Sonho de aprender a ler



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Depois fizemos a escuta da música: Pequenas alegrias da vida adulta e após a escuta, surgiu a dúvida entre as meninas se a música foi feita para uma mulher na qual Emicida poderia estar apaixonado ou a letra era para a mãe dele. Aproveitei esse questionamento e começamos a analisar a letra da música pelo computador, para poder

responder sobre quem Emicida falava na música. Após a análise da letra em conjunto, nós concordamos sobre o fato de a letra ser escrita para uma mulher.

Depois de analisar a letra falamos sobre quais são os pequenos momentos de alegria da vida adulta. As meninas relataram alguns momentos como: acordar vivo, o fato de respirar e sempre agradecer. Percebi então que elas ligavam os seus momentos de pequenas alegrias com a espiritualidade.

Figura 35 - Análise da música – Pequenas alegrias da vida adulta



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Após essa reflexão sobre quais seriam os nossos momentos de pequenas alegrias em uma rotina tão corrida, foi pedido para que as alunas escrevessem em um papel em forma de listas a sua rotina. Como já foi relatado, a aluna Lina tem uma certa resistência em escrever, então foi sugerido que eu e uma outra professora que também participa do projeto e estava acompanhando as atividades, a auxiliassem na escrita com o intuito de que Lina fizesse a atividade.



Figura 36 - Construção da lista de rotina



Fonte: Acervo pessoal da autora

Dessa forma, fomos auxiliando a estudante na escrita, escrevendo o seu dia a dia, da hora em que acordam e todas as atividades que faziam na sua rotina até a hora de irem dormir. Observamos que ambas têm uma rotina bem pesada, mas mesmo assim conseguiram fazer o exercício de colocar os momentos de alegria ligados à espiritualidade e aos filhos.

Observamos, também, a forma como elas foram inseridas na rotina uma da outra, a Lina falou sobre a primeira coisa que faz quando chega à cozinha: dar bom dia para Flora, já a Flora enfatizou que a primeira coisa que ela faz na cozinha é brigar com Lina. Depois as alunas expuseram para o grupo a sua rotina por meio da leitura.

Figura 37 - Rotina da Flora

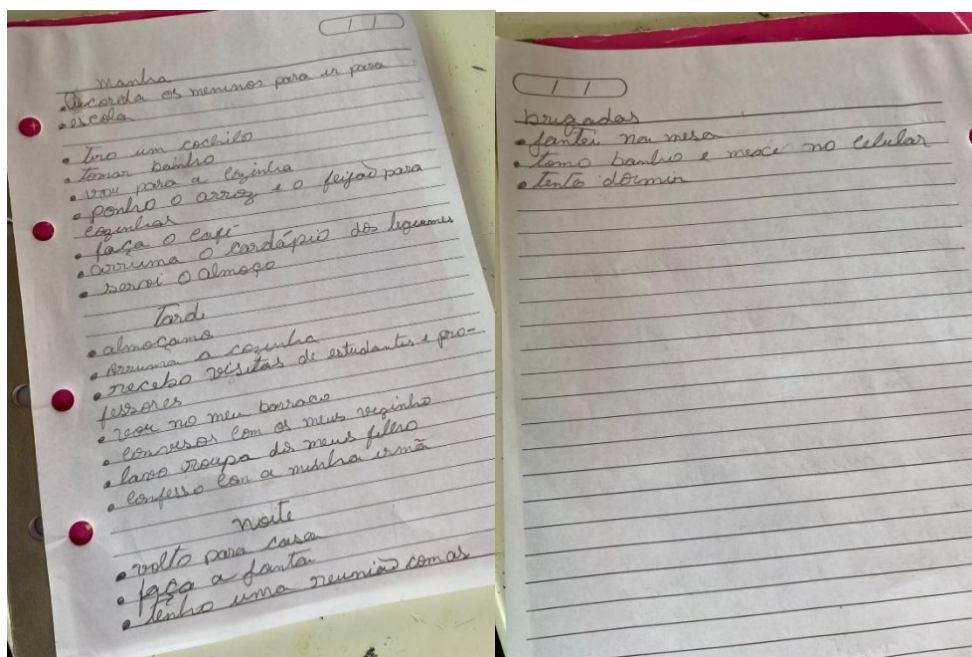
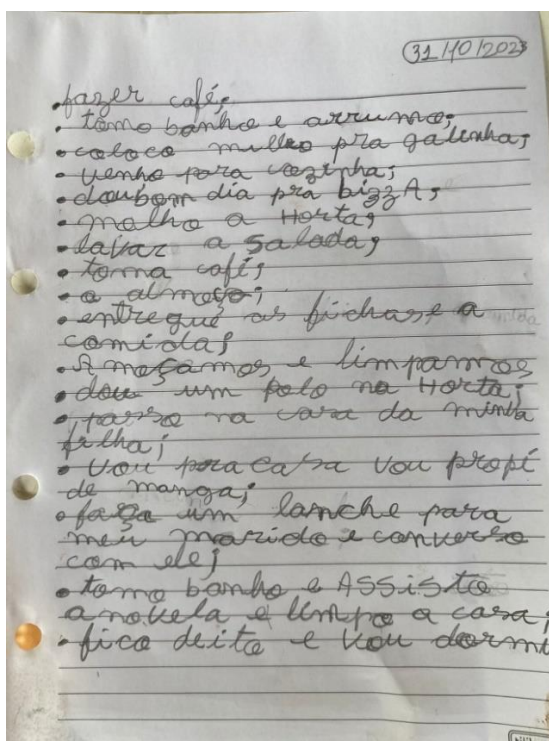


Figura 38 - Rotina da Lina



Fonte: Acervo pessoal da autora

Estava previsto no plano de aula desta unidade um segundo momento onde iríamos explorar o ritmo musical samba, questionando sobre como elas imaginam o surgimento do ritmo. Após a discussão, nós assistiríamos a mais um trecho do documentário (tempo do documentário: 21:20 até 31:10), que explica o surgimento do

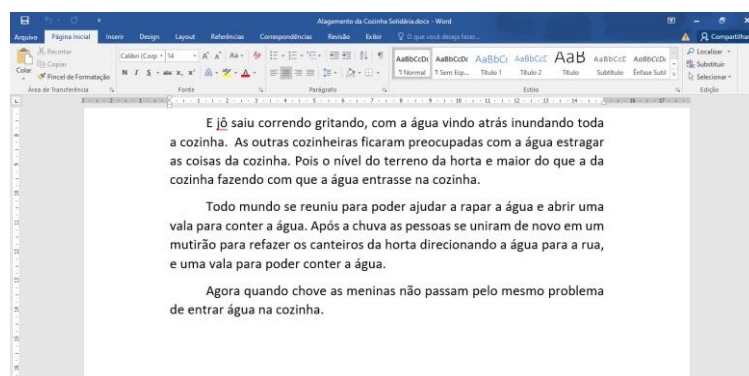
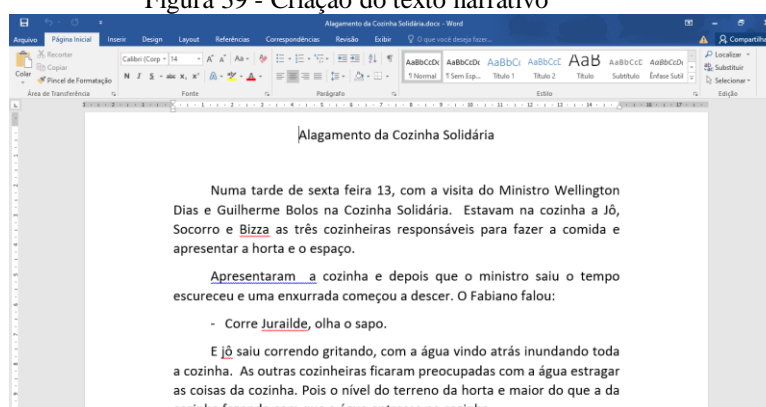


samba e o processo criativo da música. Mas o tempo da aula estava curto por conta do tempo que passamos com a construção das rotinas.

O terceiro momento da aula estava destinado à criação de um texto narrativo com a inspiração da letra da música, na qual elas iriam narrar uma história em que elas seriam as super-heroínas. Porém, eu percebi que o turno estava ficando cansativo e as alunas estavam demonstrando um certo desinteresse na continuidade das aulas. Então expliquei para elas a construção de um texto narrativo com um auxílio de um esquema, e fui mostrando de acordo com a letra da música como poderíamos construir uma história.

Por conta do cansaço das alunas, decidi fazer um texto colaborativo no qual elas iam narrando a história e eu escrevia no computador de acordo com o que elas falavam. Para a construção do texto utilizamos os questionamentos: onde, quando, quem e a problematização que precisava ser solucionada. Elas decidiram relatar um episódio que ocorreu na Cozinha Solidária, por causa de uma chuva muito forte e elas solucionaram o problema. Depois de terminar a escrita do texto, fiz a leitura para ver o que elas achavam.

Figura 39 - Criação do texto narrativo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023)

Por conta de imprevistos em relação à entrega do presente trabalho, e a incompatibilidade de agenda das meninas da Cozinha Solidária, não consegui finalizar a aplicação da sequência didática. Portanto, vou deixar registrado apenas a construção do plano de aula do quarto encontro.

O quarto encontro tinha como seu subtema a análise da música Ismália, sendo também dividido em três momentos. O primeiro momento seria destinado à acolhida e uma aula expositiva utilizando algumas partes do documentário (tempo do documentário: 43:19 até 51:34) que abordam a temática do movimento negro no Brasil, além de apresentar algumas identidades negras importantes para esse movimento.

No segundo momento, nós iríamos ouvir a música juntamente com a sua letra impressa, para que as alunas possam acompanhar. Após a escuta da música seria perguntado para as meninas se elas lembram de algum acontecimento que é relatado na música e iniciariamos um debate com os seguintes questionamentos: porque um corpo preto morto é tipo o hit da parada?

No terceiro momento da aula trabalharíamos a interpretação do poema Ismália, como deve ser a estrutura de um poema e qual a relação do poema com a música. Outra parte do documentário (tempo do documentário: 50:50 até 1:07:28) seria assistida, para discutir sobre o processo criativo da música.

Para a atividade final, solicitaríamos para as alunas a produção de uma colagem relacionando as três músicas apresentadas durante as aulas, e com o intuito de inspirar as alunas, apresentariamos exemplos de colagens presentes no próprio documentário. Para encerramento da sequência didática, faríamos a leitura do livro “E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas”, também escrito pelo rap Emicida.

### **3.3 – Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte: Avaliação e principais contribuições**

A sequência didática focou na avaliação formativa a partir da observação interativa durante as aulas com a aplicação da sequência didática, levando em consideração a participação das estudantes. Além de perceber o envolvimento das mulheres durante todo o processo.

No processo de criação da sequência didática fui com uma ideia de que o estilo musical rap estaria presente no cotidiano das mulheres, mas após a suas falas preconceituosas em relação às músicas de rap percebi que talvez apresentar esse novo estilo musical poderia ser um desafio. Mas as músicas escolhidas no álbum AmarElo tem o poder de trazer uma conexão com ancestralidade, com o afeto, com a arte e com a autoestima; dessa forma, usei isso ao favor de apresentar uma nova visão sobre o estilo musical do rap.

Por esses motivos, acredito que uma das principais contribuições do projeto foi promover uma educação musical a partir do afeto. Durante as aulas foi possível explorar diferentes ritmos e sons musicais que nos cercam cotidianamente, além de criar relações afetivas com o mundo. Segundo o autor Amorim (2019):

Quanto mais experiências musicais carregadas de afeto, inundadas de emoções, mais vivências que, por sua vez, ampliaram o desejo e a necessidade de viver e sentir a música. A musicalidade do corpo prescinde de ações educativas-musicais humanizadas. Quando esse aspecto é respeitado, criamos condições de possibilidades para abordagem pedagógicas que impulsionam à vontade, engrandecem a liberdade e orientam o caminho (Amorim, 2019, p.140).

Dessa forma pudemos perceber a importância da educação musical, para a construção de uma prática educacional que leve em consideração a subjetividade do indivíduo, com a construção de práticas com experiências múltiplas e liberdade de expressão e criação.

A utilização do livro Amoras e as temáticas presentes nas músicas que abordam as relações étnico- raciais fizeram com que as alunas retomassem a sua própria história. Isso pode ser percebido ao logo das aulas quando surgiam questionamentos sobre o que de fato é um sonho e a conquista de uma meta, quais são os momentos em que elas se sentiam uma super-heroína, entre outros questionamentos.

Ao finalizar o processo da aplicação da sequência didática, pudemos verificar que as falas preconceituosas em relação ao gênero musical de rap foram se transformando em uma visão diferente das que elas tinham. Quando a Flora faz a reflexão de que não consumimos os próprios produtos culturais da nossa comunidade e reconhece de onde vêm as construções de suas falas preconceituosas, já pudemos perceber uma abertura para poder conhecer o novo.

A mesma coisa foi acontecendo com a Lina, que a cada escuta da música fazia questionamentos sobre as letras para poder entender melhor as suas temáticas e sempre que era proposto fazia a ligação da letra com a sua vida pessoal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a escrita deste trabalho o mundo seguiu com o seu percurso natural, como na música do Emicida, “a ordem natural das coisas, em que ele diz “ a merendeira desce, o ônibus sai. Dona Maria já se foi, só depois é que o sol nasce. De madrugada é que as aranhas tecem no breu e amantes ofegantes vão pro mundo de Morfeu” (Emicida, 2019).

Por mais que existissem momentos no qual o único foco seria o desenvolvimento deste trabalho, a vida seguia com o seu curso natural e o contato com toda a obra AmarElo, a sua análise e a criação do um projeto voltado para a área da educação desafiou-me a encontrar coisas grandiosas na rotina, fazendo com que me sentisse grandiosa pelas coisas que tenho.

Pude perceber o tamanho da grandeza e importância da obra AmarElo, ao começar a estudar e entender todo o seu processo criativo. A obra tem o intuito de fazer com que a gente se encontre na história de um Brasil marcado por anos de opressão e repressão, e finalmente se sinta pertencente e no direito de dizer que faz e fez parte da história do povo brasileiro. Além de utilizar a música para fazer com que nos transformemos em uma só pessoa, porque afinal “ tudo que nois tem é nois”.

Nesse processo de escrita muita coisa aconteceu, tivemos novos ares no contexto político do Brasil, finalmente a democracia e o respeito puderem traçar novos rumos com a vitória do presidente Lula, em 2022. A obra AmarElo teve uma grande visibilidade, transformando vários momentos na vida das pessoas, além de continuar me acompanhando diariamente nos percursos durante a rotina cansativa.

E durante a escrita aconteceu um episódio que balançou as mídias sociais, onde um álbum AmarElo foi plagiado em uma campanha publicitária, deixando claro qual a visibilidade a mídia dá para trabalhos grandiosos produzidos por pessoas pretas. Mas muitas coisas boas aconteceram também, principalmente relacionadas à experiência de dar aula na Cozinha Solidária do movimento MTST. Um desses momentos foi quando recebi o vídeo da Flora, falando, “*olha aqui professora, estou fazendo minha lição de casa*”, ao colocar toda a sua família para assistir o documentário sobre a obra AmarElo, *É tudo pra ontem*.

Nesse momento percebi que o objetivo do trabalho a partir da análise da obra AmarElo, contribuiu com a construção de repertórios críticos- reflexivos em um espaço não-escolar. Pois consegui despertar o interesse das mulheres da cozinha solidária,

fazendo uma ligação com a temática das letras com as próprias vivências da vida delas e conhecimentos adquiridos ao longo das suas trajetórias. Ampliando os seus repertórios críticos-reflexivos para um estilo música que antes era visto como algo depreciativo.

Além de trabalhar com o conceito de multiletramentos, que estão associados com os conteúdos pedagógicos, a tecnologia e a bagagem de vida dos estudantes, promovendo uma educação que utiliza os recursos digitais para desenvolver uma educação libertadora e crítica. Enquanto a educação musical relaciona-se com as experiências musicais que temos ao longo da vida, demonstrando que somos seres musicais e que a música e os sons são uma parte essencial no nosso dia a dia.

Desta forma, o trabalho resultou em uma pesquisa interventiva do tipo aplicação por meio de uma sequência didática, tendo como foco três músicas do álbum, Principia, Pequenas Alegrias da vida adulta e Ismália, identificando as principais contribuições do álbum para a construção dos repertórios.

A sequência didática foi desenvolvida com base nos conteúdos presentes no eixo integrador do Currículo em Movimento do Distrito Federal- Educação de jovens e adultos e foi aplicada por meio de uma pesquisa interventiva na Cozinha Solidária do movimento MTST, que teve como público alvo as mulheres que trabalham na cozinha com o perfil de pós-alfabetização. Além de levar em consideração as vivências e os conhecimentos adquiridos ao longo das suas trajetórias, tivemos a oportunidade de trabalhar a educação musical juntamente com o conceito de multiletramentos.

Com a aplicação da sequência didática pudemos observar como as temáticas presentes nas letras trabalhadas dialogam com o cotidiano e situações que atravessam a vida das alunas. As músicas apresentadas serviram para que elas pudessem fazer questionamentos e dessa forma se redescobrirem. A minha ligação com a obra AmarElo, para a construção desse trabalho, ampliou-se para que as histórias de vida das mulheres pudessem ser escritas de uma forma diferentes, colocando em evidência a suas experiências musicais com a suas histórias.

Durante todo o processo houve trocas de experiência, pois em todo encontro saíamos com conhecimentos novos, conhecimentos que foram adquiridos por meio do afeto e de uma educação que visava a criticidade. Terminar o projeto AmarElo sabendo que muitos dos conceitos e pensamentos estereotipados que as mulheres tinham em

relação ao gênero musical mudou. E que todos os questionamentos que aconteciam durante o processo contribuíram para um pensamento crítico e libertador.

Por conseguinte, tenho o desejo de dar continuidade nos trabalhos de extensão da Faculdade de Educação, realizados na Cozinha Solidária do movimento MTST, e se tiver oportunidade gostaria de finalizar a sequência didática com as mulheres da cozinha. E penso em um projeto que integre a EJA/T profissionalizante em trabalhos na cozinha solidária, para que possa ocorrer uma formação levando em consideração a construção de conhecimentos e o espaço de trabalho da cozinha.

E ainda, pretendo continuar atuando nos movimentos sociais e lutando por causas nas quais acredito, na esperança de um Brasil melhor. A Universidade de Brasília fez com que a chama da militância aumentasse e pretendo não deixar isso se apagar após a minha graduação no curso de Pedagogia. Espero que o sonho de ser uma professora na rede pública do Distrito Federal seja alcançado e que possa plantar várias sementes nos alunos que atravessarem a minha trajetória para que eles possam construir um mundo mais justo, igualitário e antirracista.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ANTUNES, Jadir. **Schiller e a educação estética e revolucionária do homem**. 2017.
- ARAUJO, Beatriz Aparecida de Almeida. Tudo que nós tem é nós: ancestralidade e afrofuturo no álbum AmarElo, de Emicida. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação–Produção Editorial)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021**.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 25-58, 2002.
- BRASIL/CNE/CEB. Parecer CNE/CEB nº 1/2021, aprovado em 25 de maio de 2021.
- Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)** apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade, 2021. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/10/Diretrizes-EJA-2a-edicao-marco-2021.pdf>. Acesso em: 14/04/2023.
- CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. **Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente**, 2005.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **NTU: introdução ao pensamento filosófico bantu**. 2010.
- DE ARAÚJO MARTINEZ, Andréia Pereira; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **Um breve olhar para o passado: contribuições para pensar o futuro da educação musical**. Revista da ABEM, v. 21, n. 31, 2013.
- DENZIN, Norman K; LINCON, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2014.
- FREIRE, Ana Maria Araújo(2006). ``Nota``in: FREIRE, Paulo **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019. 189 p.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Editora Olhares, 2022.
- KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz. Multiletramentos na escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 55, p. 1053-1056, 2013.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

Lab Fantasma . Disponível em <http://www.labfantasma.com/amarelo/>. Acesso em: 13, abril. de 2023.

LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: formação do professor alfabetizador: Caderno Formação de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012b. Disponível em: [http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Formacao\\_de\\_professores\\_MIOLO.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Formacao_de_professores_MIOLO.pdf)

LEANDRO, Anita. Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem. **Comunicação & Educação**, n. 21, p. 29-36, 2001.

Marinho, P. M. de C.. (2022). **Intolerância religiosa, racismo epistêmico e as marcas da opressão cultural, intelectual e social**. Sociedade E Estado, 37(2), 489–510. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237020005>

MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira; ALCARAZ, Rita de Cássia M; AGUIAR, Leinad Venezes Pereira de. **Por que os livros infantis são indicados também para os adultos?**. In: Educação das relações étnico-raciais: caminhos para a descolonização do currículo escolae, Eugenia Portela de Siqueira Marques; Marta Coelho Castro Troquez (orgs), 1ª ed. Curitiba: Appris, 2018. p.171-181. Cap.8

MORAES, Isabela. **MTST: conheça o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto**. Politize! [S .l.],p .1,23 maio 2019.Disponível em: <https://www.politize.com.br/mtst-conheca-o-movimento-dos-trabalhadores-sem-teto/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. ROJO, R.(org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola**, 2013.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ZUCCHETTI, Dinorá Tereza. Pedagogia na/para a educação não escolar: pistas conceituais e apostas para o trabalho do(a) pedagogo(a). In: PIMENTA, Selma Garrido; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima (orgs.).**Pedagogia: teoria, formação, profissão**. São Paulo: Cortez, 2021. pp. 321-349.

SILVA, Maria. Rezende.; Pederiva, Patrícia. Lima. Martins. (Org.) **Educação Musical: olhares a partir da perspectiva histórico-cultural de vygotki**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

SOARES, L. (org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos. EJA, Estudos e Pesquisas**. Ed. Autêntica. Belo Horizonte,2005.

SOLIDÁRIA, Cozinha. MTST. Disponível em: <<https://www.cozinhasolidaria.com/>>.

Acesso em: 20 dez. 2023

TEIXEIRA, P. M. M.; NETO, J. M. Uma proposta de tipologia para pesquisas de natureza interventiva. **Ciência & Educação**, v. 23, n. 4, p. 1055-1076, 2017.